



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CINEMA E AUDIOVISUAL

NADINE RIBEIRO LACERDA

DESÓRBITA

FORTALEZA
2022

NADINE RIBEIRO LACERDA

DESÓRBITA

Memorial descritivo apresentado ao Curso de Cinema e Audiovisual do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientadora: Prof. Ma. Shirley Mônica Silva Martins.

FORTALEZA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L139d Lacerda, Nadine Ribeiro.

Desórbita / Nadine Ribeiro Lacerda. – 2022.

99 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Cinema e Audiovisual, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Ma. Shirley Mônica Silva Martins.

1. Roteiro. 2. Cinema. 3. Criação. 4. Absurdismo. 5. Feminino. I. Título.

CDD 791.4

NADINE RIBEIRO LACERDA

DESÓRBITA

Memorial descritivo apresentado ao Curso de Cinema e Audiovisual do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Cinema e Audiovisual.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ma. Shirley Mônica Silva Martins (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Yuri Firmeza
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Ma. Cristiana de Souza Parente
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Para as ilhas que um dia me acolheram
enquanto o mar ao redor era revolto e absoluto.

AGRADECIMENTOS

À Ana Paula, minha mãe, e Fabiano, meu pai, por terem incentivado minha criatividade desde que eu quis tocar no primeiro lápis de cor.

Ao Akiel, Ana Clara, Catarina e Maria Augusta pelos momentos de companhia durante o isolamento.

Aos professores participantes da banca examinadora, Yuri Firmeza e Cristiana Parente pelo precioso tempo dedicado à avaliação desse trabalho.

Ao Professor Érico de Araújo Lima pelas ótimas aulas nas cadeiras de Filosofia da Arte e Cinema e Literatura.

Ao Professor Emanuel Nunes pelas brilhantes explicações sobre o universo da Filosofia.

À Shirley Monica Martins pelos momentos preciosos de orientação, nos quais me senti acolhida e compreendida.

À Amanda, Nicole, Mayara, Lara Lobo, Lara Mendes e Rebeca pelos momentos de apoio, escuta e diversão.

Ao Artur, Fernanda, Fabienne, Lanna, Levi e Thalys, cuja amizade e o interesse sincero nos filmes e na vida sempre me inspiram.

RESUMO

Este memorial apresenta o percurso criativo desenvolvido durante o processo de escrita do roteiro de longa-metragem intitulado “Desórbita”. A narrativa do longa-metragem busca unir, de forma poética, o pensamento sobre vida e morte com a necessidade contemporânea e feminina do entendimento do próprio corpo e seus estados de presença. Essa união acontece a partir de um estudo sobre o absurdismo na obra do filósofo Albert Camus e se consuma na criação do universo ficcional de “Desórbita”, onde habita Clara, uma bailarina que tem a carreira interrompida por um acidente de trânsito, e que então procura pela significância da própria vida a partir das faltas que a afligem, mesmo quando o mundo que conhece tem seus dias contados pelo surgimento misterioso de um buraco negro ao lado da Terra. Ao abordar diferentes situações onde o drama do íntimo está em jogo com o drama do coletivo e evidenciar as pulsões de existência nos personagens, o roteiro propõe o pensamento sobre as próprias formas de escrita enquanto defende a experiência múltipla no ato de fazer cinema.

Palavras-chave: roteiro, cinema, criação, absurdismo, feminino.

ABSTRACT

This memorial presents the creative process developed during the writing of the feature film script entitled “Desórbita”. The feature film's narrative seeks to poetically unite the thought about life and death with the contemporary and feminine urge to understand one's own body and its states of presence. This union takes place from a study on absurdism in the work of the philosopher Albert Camus and it is consummated by the creation of the fictional universe in “Desórbita”, where Clara lives, a ballet dancer whose career was interrupted by a traffic accident, and now searches for the meaning of her own life from the flaws that afflict her, even when the world as we know it is about to end because of the mysterious emergence of a black hole next to the Earth. By approaching different situations where the intimate drama is at stake with the collective's drama and highlighting the characters' urges of existence, the narrative proposes a profound thought about the many forms of its own writing while defending the act of making cinema as a multiple experience.

Keywords: script, cinema, creation, absurdism, feminine.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>A Ilha Nua (Hadaka no Shima)</i> de Kaneto Shindo (1960).....	21
Figura 2 - <i>Jeanne Dielman</i> de Chantal Akerman (1975).....	22
Figura 3 - <i>Cléo de 5 à 7</i> de Agnès Varda (1962).....	24

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. NARRATIVA E EXISTÊNCIA	14
2. MUROS DO CINEMA	19
3. DESÓRBITA	24
3.1 PERSONAGENS	24
3.1.1 Clara	25
3.1.2 Dona Valéria	26
3.1.3 Catarina	27
3.1.4 Débora	27
3.1.5 Pai de Clara	28
3.1.6 Rodrigo	28
3.1.7 Arthur	29
3.1.8 Vozes da cidade	29
3.1.9 O buraco negro	29
3.2 ESTRUTURA	30
3.3 ESTÉTICA	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICES	38
APÊNDICE I - ROTEIRO DE DESÓRBITA	38
APÊNDICE II - A CARTA DE CLARA	86
APÊNDICE III - MAPAS MENTAIS	91
APÊNDICE IV - NOTAÇÃO	97
APÊNDICE V - DESENHOS	98

INTRODUÇÃO

“No apego de um homem à vida há alguma coisa de mais forte que todas as misérias do mundo. O julgamento do corpo vale tanto quanto o do espírito e o corpo recua ante o aniquilamento. Adquirimos o hábito de viver antes de adquirir o de pensar.” (CAMUS, 1942, p. 10)

Agora que chego ao final da graduação e me ponho a escrever, percebo que há sempre muito o que dizer. Há muito o que dizer sobre tudo que vivemos, mesmo quando, sob o julgamento alheio ou sob o nosso mesmo, não passamos de ignorantes.

Durante parte do meu jovem percurso escolar, esperei que o conhecimento fosse um uma coisa palpável a se ganhar, ou um momento fixo no futuro. Imaginei esse momento libertador do futuro como algo que eventualmente se aproximasse, como se pudéssemos cruzar uma linha de chegada no final desse percurso retilíneo. Uma expectativa parecida do futuro também me foi provocada em diferentes instituições religiosas com as quais cheguei a ter contato. A partir dessas expectativas do futuro, pude imaginar a minha trajetória de vida como a figura de uma órbita, uma linha invisível, mas que delimitaria sempre o mesmo ciclo: nascemos, crescemos, trabalhamos e então morremos. Também me contaram sobre a vida após a morte, então, caso tivesse chegado a acreditar em tal coisa, uma "jovem eu" desenharia uma órbita para cada ser vivo, um círculo perfeito, fechado, obediente às forças que o mantém.

Se detalhasse mais um pouco esse desenho, imaginaria o percurso escolar se tornando uma estação durante essa viagem, um momento de elucidação, e depois dele, eu estaria pronta para encarar o mundo, ou seja, o resto da curva, sem ignorâncias. Havia conforto em acreditar nesse suposto equilíbrio e que a obediência às normas e padrões ditados pelos adultos significaria uma viagem confortável ao redor dessa órbita, até atingirmos o futuro. Eu, enquanto criança, amava imaginar um final feliz onde todos os pontos se convergem, o mistério é finalmente revelado e o mal é combatido, tal qual no cinema de contos de fadas. E assim, como nos contos de fadas, os eufemismos que nos foram contados pelos adultos, sobre a morte e a perda, mantiveram o meu desenho do tempo sempre o mesmo — um trajeto cíclico, com eternas e predestinadas linhas de chegada, um campo onde se faz parecer que há sempre justiça ou equilíbrio para cada infeliz acaso da vida.

Contudo, enquanto garota crescida, continuei reformulando a imagem do tempo e do futuro conforme ele se transformava na minha frente; se metamorfoseava para além do que eu esperava. Cresci e mudei, percebi que existem perguntas que não conseguia fazer aos meus professores, nem aos meus pais, ou amigos. Me deparei com o vazio ao notar que existiam perguntas informuláveis sobre o mundo e elas se multiplicaram exponencialmente ao meu redor. Assim como eu, os novos adultos também estavam afundados nas dúvidas, e nossos antigos sempre estiveram. O surgimento dessas dúvidas sobre o mundo me trouxe de volta a sensação amarga da ignorância — cada vez mais o relógio da sociedade capitalista me cobrava uma elucidação, uma decisão sobre o rumo da minha vida, e, enquanto isso, alguns dos meus sonhos se fragilizavam e outras violências aconteciam ao meu corpo. Me senti paralisada pela mesma noção asséptica que nos ensina que na vida há apenas o certo e o errado; o bem eo mal; o sim e o não; o saber e o não saber; e qualquer definição *entre*, é um lugar constrangedor e interdito ao pensamento.

Entretanto, hoje em dia não admito essa interdição do pensamento e procuro formas de tentar ultrapassá-la. Fazer novos desenhos sobre o tempo tem me instigado nessa busca. Foi quando acabei esboçando a noção pessoal de que, nesse meu tempo de vida, não há linha de chegada alguma, não há *loop*, e que o tempo que chega a mim é sempre inédito e, como num espelho, ele reflete algumas de minhas expectativas e frustra outras. Essa "luz" estranha, jogada no meu presente, é fruto dos momentos em que minhas ações e o desejo de viver, de algum modo, ultrapassaram a paralisia advinda da minha suposta ignorância.

A partir desse novo desenho, me deparei sendo corpo feminino, percebi que o mundo ao meu redor também tem expectativas em mim, e essas expectativas são diferentes para cada mulher. Enquanto passamos a vida nos desenhando, descobrimos que já fomos desenhadas diversas vezes pelas estruturas de poder, pelo capitalismo, pelos contos de fadas e pelo cinema. Com essas representações, vêm a expectativa sobre nossos corpos e nossa performance de vida. Entretanto, sempre acontece algo bruto quando uma expectativa é frustrada, causamos um impacto no outro, um estranhamento por ter quebrado uma narrativa cíclica pela primeira vez. Então a violência e a paralisia retornam e, desse modo, de fato não parece haver uma linha de chegada para a plenitude de nossa existência, ainda quando a experiência e o conhecimento formulado em uma vida é facilmente silenciada por sentidos comuns ou *fake news*. Nesse embate contemporâneo e aparentemente eterno entre resistência e ignorância, surge novamente em nosso corpo finito, o sentimento da dúvida e da

impotência; juntas, elas desgastam nossa vivência e nós, como artistas e filósofos à nossa própria maneira, questionamos o sentido da nossa vida. O quanto vale viver num mundo onde não somos valorizados e compreendidos pelos que detêm poder político ou afetivo sobre nós? O quanto vale a busca pelo entendimento do corpo e da arte, se em dado momento ela pode ser frustrada pelo sistema ignorante às nossas vivências?

Durante minha graduação em Cinema e Audiovisual na UFC fui afetada fortemente por essas questões e elas agora se imprimem com cada vez mais força em meus trabalhos – para me graduar precisei me mudar do interior para a capital do estado do Ceará, onde, ainda jovem, fiquei longe da minha família, exposta a uma rotina mais agitada e aos novos encontros, com novas pessoas. Essa desconexão com o lar que me era familiar me trouxe uma série de mudanças, algumas amargas de passar, pois, sem o lar protetor, o sentimento de solidão era potencializado enquanto me deparava com novos dilemas pessoais. Portanto, nesses momentos, eu me voltava ao motivo pelo qual havia partido por escolha própria: a curiosidade e o desejo de criar, de entender meu próprio tempo. Escrever, desenhar e fazer cinema foram ações que sempre estiveram próximas de mim e que me ajudaram a compreender cada um dos encontros com o mundo, até mesmo antes de eu perceber de forma racional que essa compreensão acontecia, e independente de quando esses encontros espelharam as minhas expectativas ou as frustraram.

A ideia inicial para o roteiro do longa-metragem ficcional a ser apresentado nesse trabalho culminou no início de uma grande frustração: a pandemia de COVID-19 quando as ruas de Fortaleza esvaziaram e eu retornei ao interior do estado para me isolar da doença. Mais certo ainda dizer que a ideia veio se formando durante o período de isolamento, pensada a partir desse sentimento de angústia sobre a finitude da vida que de repente se fazia tão presente; e dos limites do corpo perante os movimentos absolutos do mundo; os momentos injustos de silenciamento e paralisia – mas digo, principalmente – do desejo de superar essa angústia toda, de subvertê-la, para vislumbrar uma outra linha de chegada que não está necessariamente no futuro, mas que se encontra sob nossos pés a cada encontro e aprendizado que existem no presente do percurso. Agora penso: se desenho esse percurso subvertido, formo melhor a figura de uma árvore ou de um mapa: algo com diversas bifurcações, entradas, saídas e quebras. Algo diferente da imagem da órbita.

Portanto, a escrita de *Desórbita* surge de uma necessidade em unir o pensamento sobre a vida e a condição humana com o desejo de fazer cinema. Neste memorial, apresentarei o

meu processo de escrita que parte dos questionamentos existenciais presentes em NARRATIVA E EXISTÊNCIA, buscam apoio na breve curadoria dos filmes que integram o capítulo MUROS DO CINEMA e tomam corpo como o roteiro de longa-metragem apresentado em DESÓRBITA, onde o cinema é dado como potencializador de experimentações: uma ferramenta de arte e resistência, pela qual tenho a liberdade de contar minha história enquanto a subverto e fabulo por meio de personagens e estéticas que a imprimam.

1. NARRATIVA E EXISTÊNCIA

No Brasil, cerca de 12 mil pessoas se suicidam a cada ano e a depressão está associada a grande maioria desses casos (SUICÍDIO..., 2020). Este é um fato que denuncia um dos males que afligem nossa vida contemporânea e é um dado que choca por si só, por ser devastador e intraduzível, ainda mais se formos investigar todos os dados sobre saúde pública que demonstram as falhas no acesso ao tratamento à depressão e à prevenção do suicídio. Chegamos a um ponto em que a banalização desse transtorno mental tem dificultado ainda mais o combate contra ele (PIERRI, 2021).

Não consigo me estender tanto na exposição de todas as problemáticas que são atuais e pertinentes a respeito desse assunto, mas as que apresento aqui julgo suficientes para induzir o pensamento a respeito da vida e da morte. Depois de tantos anos, não reconheço mais os motivos que originaram meu primeiro e único pensamento suicida, só sei que em dado momento ele esteve ali em meu imaginário, banalizado por mim mesma, como se o momento da minha morte pudesse ser alocado no final de uma lista de tarefas domésticas. Felizmente, e contudo diferentemente de tantas outras pessoas, sobrevivi a esse pensamento.

Foi retomando esse ato de sobrevivência que me encontrei com a vertente existencialista da filosofia, essa que foi tão pouco abordada em minha época de escola. O existencialismo se tornou popular após a Segunda Guerra Mundial, no contexto de uma Europa devastada, onde as ideias de Soren Kierkegaard e Friedrich Nietzsche, que apontavam os dramas da existência humana como centro para seus questionamentos, se tornaram uma inspiração para novos filósofos franceses. Entre eles Jean-Paul Sartre, cujo pensamento repercutiu junto ao movimento existencialista, e o jovem Albert Camus que, a partir da publicação do ensaio filosófico *O Mito de Sísifo* em 1942, gerou uma reformulação do pensamento existencialista e a proposta do absurdismo: a noção surgida do paradoxo entre a busca do ser humano em dar significância a própria vida e a falta de sentido provida pelo universo. Em sua obra, Camus adota o suicídio como o problema central de sua filosofia, onde estariam contidas as questões fundamentais e se indaga até que ponto o suicídio ou a esperança seriam soluções para o absurdo:

“É preciso separar tudo e ir direto ao verdadeiro problema. Uma pessoa se mata porque a vida não vale a pena ser vivida, eis sem dúvida uma verdade

[...] Mas esse insulto à existência, esse desmentido em que ela é mergulhada provém do fato de ela não ter nenhum sentido? Se sua absurdidade exige que se lhe escape pela esperança ou pelo suicídio, eis o que se precisa clarear, perseguir e ilustrar, afastando tudo o mais. É o absurdo que domina a morte: é preciso dar a este problema precedência sobre os outros, fora de todos os métodos de pensamento e dos jogos do espírito desinteressado.” (CAMUS, 1942, p. 11)

Ao escrever “O fim é o universo absurdo” Camus não apenas ilustra uma percepção da ideia de morte, mas também situa uma noção de tempo que não mudou desde meados do século XX e ainda corresponde à nossa vida contemporânea: diante do cenário pandêmico mundial devido ao COVID-19, somos mais uma vez (e cada vez mais) levados a contemplar a suspensão do tempo e da vida, ainda que nossos próprios governantes não lhe forneça a devida importância (CORONAVÍRUS..., 2021). Essa evidente quebra de expectativas acerca dos valores morais em nossa sociedade torna-se inacreditável e nos paralisamos diante da situação, tomados pelo sentimento de absurdidade que ela nos provoca.

Ao prosseguir a linha de pensamento acerca do caráter irrisório contido na absurdidade, Camus aponta para uma solução – uma revolta contra muros absurdos¹, onde nela o homem se torna absurdo por si mesmo, aceitando a própria condição finita e incompleta, mas escolhendo não abandonar a vida, notando a sua importância; sustentando assim a passagem por essa vida, pelas experiências que nela são possíveis e sempre no apego ao que a torna feliz, mesmo que de forma efêmera. Ao amor, esporte e a arte, por exemplo, o homem absurdo não deixaria de dar importância.

O que é, realmente, o homem absurdo? Aquele que, sem o negar, não faz nada para o eterno. Não que a nostalgia lhe seja estranha. Mas ele prefere sua coragem e seu raciocínio. A primeira o ensina a viver sem apelação e a se bastar com o que tem, o segundo o instrui sobre seus limites. (CAMUS, 1942, p. 50)

Para ilustrar essa ação do homem absurdo, Camus escolhe justamente o mito grego que conta a história de Sísifo. Ele foi o mais sábio entre os humanos, mas que, por ter desafiado os deuses e a própria morte, foi condenado à eternidade rolando uma imensa rocha até o cimo de uma montanha e a observando derrapar novamente até a planície. Entretanto a lucidez acerca de sua própria condição, mesmo que miserável, possibilita que ele continue a

¹ “Os Muros Absurdos” é o capítulo de *O Mito de Sísifo* em que Camus desenvolve sobre as tantas esferas do cosmo absurdo: as ações inumanas, o tempo, a morte entre outros aspectos que fogem à compreensão do homem.

vencer os deuses, a morte e o absurdo. Diz Camus no final de seu ensaio: “É preciso imaginar Sísifo feliz”.

No livro de críticas literárias *Situações I*, Jean-Paul Sartre escreve sobre *O Mito de Sísifo* e aponta a relação conceitual inseparável entre o ensaio filosófico e o romance anteriormente publicado por Camus, *O Estrangeiro*, que narra sobre os dias do ficcional Meursault, desde o funeral de sua mãe, até o momento em que ele é condenado à morte por ter assassinado um árabe. Sartre, em sua crítica, define *O Mito de Sísifo* como a “explicação” de *O Estrangeiro*, desse modo dando a ver que o pensamento de Camus perpassa a sua escrita filosófica e afeta também os seus modos de escrita literária, tal qual já havia sido feito antes dele, por outros filósofos existencialistas (DAMASCENO, 2011, p. 134). Essa volatilidade em que se comporta a escrita me interessa para a criação de uma narrativa que transite do meu pensamento para, dessa vez, a criação audiovisual.

No livro *O Cinema Pensa*, o filósofo argentino Julio Cabrera introduz sua crítica da razão logopática propondo que filósofos influídos pela “virada ontológica” após o final do século XIX, levavam modificações em suas linhas de pensamento onde “não se limitaram em tematizar o componente afetivo, mas o incluíram na racionalidade, como um elemento essencial de acesso ao mundo” (CABRERA, 1999, p. 16). Cabrera ainda defende a experiência, a vivência e a dramatização no processo de elaboração e entendimento de um problema filosófico; e, embora Albert Camus não esteja diretamente citado em seu livro, estendo essa noção para sua literatura, afinal não estariam evidentes em *O Estrangeiro* e *A Peste*, as dramatizações do pensamento camusiano?

O cinema, tal qual a literatura, pode apresentar universos onde os dramas entre personagens são acompanhados por quem interage com a obra; no caso do cinema, essa interação se dá por meio da imagem, do som e dos dispositivos que venham a integrar a experiência de assistir um filme. Todos esses elementos compõem uma percepção ainda mais complexa do mundo que foi dado, então filmado, dramatizado, montado e editado; para então ser interpretado ou simplesmente sentido. Ao defender a ideia de conceitos-imagem, Cabrera sustenta que esses “requerem tempo cinematográfico para que sejam desenvolvidos. Por serem experienciais, eles são fundamentalmente um desenvolvimento temporal” (CABRERA, 1999, p. 24). Então podia ser por isso que ao terminar de explicar um conteúdo, a minha professora de história escolhia exibir um filme em sala de aula – muitos dos alunos só compreendiam parte desse conteúdo quando havia essa associação de experiências do corpo

que está em sala de aula e tem contato com o audiovisual. Portanto, essa noção de conceito-imagem nem sempre me foi estranha, e esteve contida na minha experiência como aluna, antes mesmo de eu ter lido sobre ela.

Mais uma vez o tempo e a experiência me surgem como fatores de transformação que permeiam na escrita desta narrativa, visto que, mesmo ao citar Camus, me percebo em um corpo outro, cujas experiências foram diferentes, dadas em uma geração mais nova que a dele, cujas urgências também se fazem outras. Desse modo, dei permissão para que essas urgências inspirassem meu processo criativo junto do contato que tive com a linha de pensamento absurdista do outrora jovem argelino, mas que adotasse o cenário do mundo contemporâneo, globalizado, dado num processo de perecimento diferente do que se situava o mundo em 1942, ano em que foi escrito *O Mito de Sísifo*. Mesmo que o suicídio e a pena de morte ainda fossem problemáticas pertinentes àquela época, na atualidade esses mesmo assuntos persistem e acompanham múltiplos recortes, esses que dizem respeito a saúde pública, a violência de gênero e sexual e ao racismo, por exemplo.

É a partir dessa multiplicidade de urgências que se faz cada vez mais necessário o entendimento de uma experiência coletiva, iniciada pelo entendimento dos corpos e vozes individuais que compõem esse mesmo coletivo. Sugiro assim, que o entendimento de corpo aqui se aproxime da noção trazida por Merleau-Ponty, onde corpo pertence ao “eu” ao mesmo tempo que o significa. É um corpo-sujeito dotado de intencionalidade, que também tem poder sobre a história e percebe o mundo ao seu redor num esquema inseparável entre carne e intelecto, é sensível entre os outros corpos sensíveis (DUPOND, 2010, p. 12). Um corpo que está aberto aos dramas da própria existência, que está ciente de suas potências e limitações, que pensa, escolhe, muda, transita, e que produz percepção a partir dos próprios sentidos e experiências, escolhendo vivê-las ao invés de ceder aos absurdos do mundo.

Entendo o cinema também como impressão dramática dessas experiências que são próximas ao corpo (ou corpo coletivo) que o produz; para além de produto e objeto de consumo, o filme é encontro, sensação, estranhamento e pensamento, é experiência por si só; parafraseando Jorge Larrosa Bondía “a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm” (BONDÍA, 2002, p. 24) para mim também pode ser o cinema. Contudo, ser cineasta num mundo cada vez mais sem tempo para o cinema é absurdo, tal qual ser artista

num mundo cada vez mais cheio de urgências. É justamente nesse absurdo em que o cinema e o corpo ainda existem e sobrevivem.

2. MUROS DO CINEMA

Antes de começar a criar no meu roteiro a impressão que eu desejava, escolhi procurar por ela em outros filmes. Esses filmes, se não assumissem diretamente o diálogo absurdista, que fossem fonte de pensamento e reflexão sobre o corpo que diante do fim de seu mundo e do seu mesmo. Primeiramente, percebi como temas absurdos (a morte, grandes catástrofes, tragédias e o próprio apocalipse) sempre foram elementos recorrentes, principalmente no que se vê do cinema comercial majoritariamente norte-americano – pela sua potência dramática, esses elementos e imagens se tornaram comuns de assistir nos filmes de ficção científica ou de fantasia e aventura. Contudo, não era num gênero cinematográfico que me interessava basear a minha busca, muito menos nos seus possíveis elementos e estéticas. Era num sentimento, bastante amargo e melancólico, que pudessem advir desses filmes quando encontrados; que esses filmes transmitissem o que é íntimo, privado e quase invisível da experiência com o fim (ou o fim do outro). Que neles houvesse a atmosfera que, segundo Inês Gil, “diz respeito à relação entre os próprios elementos filmicos visuais e sonoros” (GIL, 2005, p. 142), e que ela viesse a concordar com esse sentimento tão particular do corpo que está diante do fim.

Coletei desses filmes imagens, sons, sensações que viessem a ajudar na criação de meu próprio roteiro audiovisual, e que ao mesmo tempo me fizesse refletir sobre o absurdo. Enquanto assistia cada um, me perguntei, quais eram esses fins? Como se dava, narrativamente, os movimentos e trajetos dos personagens diante deles? Quais divórcios entre os personagens e suas vidas que produziram esse sentimento de absurdidade?

No filme *A Ilha Nua* (1960) do diretor Kaneto Shindô, os membros de uma família japonesa vivem em uma ilha onde seus principais e árduos esforços são voltados à agricultura de subsistência. Todos os dias o casal de adultos navega até a cidade para buscar a água que falta para a irrigação do solo, para buscar e deixar um dos filhos na escola, e então ambos cuidam da plantação. Esse ciclo se repete e se desenvolve durante a narrativa e então assistimos um raro momento de divertimento dessa família que apenas foi possível após todos os dias de rotina que giraram em torno do trabalho árduo com a irrigação. Quando um dos filhos desse casal morre por conta de uma doença, a mãe (Otowa Nobuko) sofre profundamente e pela primeira vez ela se vê paralisada, incapaz de continuar com seu trabalho

na plantação. Não há diálogos no filme além daqueles estabelecidos pelos planos, pelas interações entre os corpos em cena e pelo som (em *A Ilha Nua*, a música é um elemento importante que dá a perceber a atmosfera de cada cena), e é nesse silêncio verbal que está performado o drama dos personagens.

Drama esse que se imprime fortemente num dos últimos planos da sequência em que a mãe perde seu filho doente. Ela está muda, tanto de voz como de corpo, observando a comemoração tradicional acontecer na cidade costeira vizinha à ilha onde vive. É bem nessa imagem, ao som dos fogos, que se encontra seu drama que é íntimo e impossível de ser compreendido – apesar da sua dor, o mundo e o tempo não para por conta dela, e apesar de tanto esforço, não houve ajuda. Contudo o filme (até seu fim) segue e a sobrevivência do casal de agricultores.

Figura 1 - *A Ilha Nua* (*Hadaka no Shima*) de Kaneto Shindo (1960)



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=watGzwZ6S-c&ab_channel=YouthOnScreen. Acesso em março de 2021.

No filme *Jeanne Dielman* (1976) dirigido por Chantal Akerman, conhecemos o segredo mais íntimo de Jeanne (Delphine Seyrig), uma dona de casa solitária que precisa se prostituir para manter a qualidade de vida de seu filho. O filme é composto por momentos rotineiros que se modificam conforme Jeanne se esgota dessa mesma rotina, pois há cansaço e pressa na minúcia de delimitar o tempo de cada tarefa doméstica enquanto se prostitui. Esses momentos são dados no filme por meio de uma temporalidade dilatada, onde a angústia da personagem se faz presente no seu mutismo perante o segredo que guarda; e que apenas nós, espectadores, compartilhamos. Percebemos uma Jeanne frustrada se compararmos a sua vida

solitária com a de sua irmã, que lhe envia cartas longas cheias de novidades sobre o próprio cotidiano; o envio e o recebimento dessas cartas também está no cotidiano de Jeanne. Mas não parece haver qualquer prazer em manter esse ciclo marcado pela frustração e pela violência a qual todos os dias ela está submetida. Desse modo, assistimos, em três horas e vinte minutos, Jeanne Dielman perder aos poucos o controle do próprio corpo e da racionalidade, vemos os minuciosos gestos que articulam essa perda.

A temporalidade do filme se torna crucial para acessarmos o drama de Jeanne e sermos afetados por ele – nos momentos de espera em que o filme nos coloca, somos levados a tentar dar nome a essa angústia silenciosa e imaginar o que ela fará em seguida, dadas suas condições. Essa espera chega ao fim, junto do filme, quando ela, incorporando a violência a qual sofre, assassina um de seus clientes; alterando assim, o rumo da própria vida de forma irreversível.

Figura 2 - *Jeanne Dielman* de Chantal Akerman (1975)



Fonte: <https://mubi.com/pt/films/jeanne-dielman-23-quai-du-commerce-1080-bruxelles>. Acesso em março de 2021.

Em *Gosto de Cereja* (1997) do diretor Abbas Kiarostami, o Sr. Badii (Homayoun Ershadi) procura a quem oferecer um simples, porém absurdo trabalho: enterrar seu corpo depois que ele venha a cometer suicídio naquela mesma noite. O protagonista está disposto a deixar uma grande quantia de dinheiro para aquele que aceitar o serviço, contudo muitos dos

transeuntes que ele acha precisar da quantia declinam a proposta por conta de suas crenças religiosas e morais. Enquanto acompanhamos o Sr. Badii em sua busca, não somos informados do motivo pelo qual o personagem escolheu tomar essa trágica decisão; ao invés disso, assistimos os momentos em que o protagonista encontra as experiências alheias, os motivos que permitem que esses outros personagens recuem perante a morte. Esses encontros fazem Badii refletir, embora ele siga até o final a sua inclinação e depois disso não temos certeza se ele sobreviveu a tentativa suicida; dessa forma, o filme constrói a intenção em demonstrar de que ambas possibilidades, vida ou morte, permanecem em aberto, mas ao mesmo tempo desenha em sua narrativa o cenário da natureza, das viagens e dos acasos em que a experiência da vida se torna válida, mesmo quando não conhecemos o seu fim.

Gosto de pensar no trânsito em *Gosto de Cereja* – o Sr. Badii é sempre aquele que está no volante que transita em áreas afastadas da cidade e sua trajetória sem rumo é a que define seu encontro com o soldado, o seminarista e o taxidermista. Nessa trajetória pelo acaso ele está suscetível à paisagem que se modifica, aos problemas nas estradas e a cada novos encontros, que por si são despreziosos, mas afetam o protagonista em seu íntimo, o qual compartilhamos.

Em *Cléo de 5 às 7* (1962) Agnès Varda lança um olhar inovador à temporalidade do filme ao delimitar um ritmo de montagem que se assemelha ao tempo real, dessa forma, como sugere o título, acompanhamos Cléo durante duas horas de seu dia. Nessas duas horas, a protagonista deve aguardar o horário de pegar seus exames e descobrir se possui câncer, portanto não são horas fáceis e Cléo, primeiramente, reage de forma imatura diante da possibilidade da morte e do adoecimento. Diferente dos outros personagens até então aqui apresentados, Cléo, durante sua espera, verbaliza sua angústia, performa e canta; ela é inquieta e não quer deixar sua juventude ir embora. Nessa inquietude, ela se abre a um trajeto indefinido pela cidade. Sem aviso, esse mesmo trajeto a leva ao encontro da arte, das pessoas estranhas e suas próprias vivências; após esse tempo de contato e reflexão da personagem, chega o momento de Cléo receber o resultado do exame e ela não está mais inquieta, pois, sem ao menos perceber, havia aceitado o estado falho do próprio corpo. Nesse filme, também não há um desfecho que nos diga se Cléo vencerá a doença ou se sucumbirá dela, assim como não sabemos se ela irá sofrer ou não nas próximas horas, não importa.

Assim como em *Gosto de Cereja*, a personagem principal também é vetor do seu próprio movimento, mesmo quando ele é iniciado a partir da angústia. E durante o trânsito

narrado no filme, a cidade e a natureza são reveladas. Em *Cléo de 5 às 7* a proximidade com a cidade está impressa também na fotografia por meio dos reflexos e das sobreposições; também impressa pela montagem que coloca Cléo sempre em contraplano com a cidade. Dessa forma, sabemos que seu drama íntimo pertence apenas à ela, mas que, ao mesmo tempo, seu corpo está diante do tempo e do mundo, em constante diálogo.

Figura 3 - *Cléo de 5 às 7* de Agnès Varda (1962)



Fonte: <https://mubi.com/pt/films/cleo-from-5-to-7> Acesso em julho de 2021.

A partir do contato e análise desses filmes, pude entender melhor as diferenças entre suas propostas, assim como foi melhor notar os pontos em que eles convergiam narrativamente, esteticamente. Fui inspirada por eles para, não só pensar os personagens de *Desórbita* e seus dramas íntimos, mas também como esboçar suas imagens de forma mental.

3. DESÓRBITA

Segue a sinopse do roteiro do longa-metragem proposto: Clara (26) é uma jovem bailarina de classe alta que perde sua carreira precocemente devido a um acidente de trânsito que a atinge enquanto percorre a cidade de bicicleta. Com muitas dores, ela deve procurar uma nova forma de retomar a vontade pela vida, assim decide mudar-se da casa de sua família. Lá, Clara morava apenas com sua madrasta, Dona Valéria, que é viúva de seu pai, ex militar que havia cometido suicídio enquanto Clara ainda era adolescente. Ainda afetada pelo passado, Clara vira professora de reforço de física, e durante a vivência em sua nova rotina, ela deve conviver com lembretes de seu recente trauma enquanto redescobre a vida através da contemplação e da aceitação de seu novo estado. Quando o fim do mundo é anunciado por conta de um grande buraco negro que suga a terra, Clara apenas decide explorar a cidade para sobreviver, enquanto todos fogem das distorções em vão.

Minha intenção, com a escrita desse roteiro, é a elaboração de uma narrativa que se aproxime da vivência rotineira e contemporânea na cidade de Fortaleza, mas que se abra à dramatização e à poética dessa mesma vivência. Dessa forma, me permito explorar a relação entre estéticas distintas e não me comprometo com a escrita de “gênero” já tão enraizada. Pois percebo que para fazer cinema é preciso pensar no roteiro, para além do seu enredo, pensar o seu formato e estrutura, seus efeitos e discurso. Há também a intenção primordial de, através do roteiro, dar um sentido às minhas vivências pessoais e que este sentido esteja próximo e possa ser acessado pelo leitor da obra.

3.1 PERSONAGENS

A reflexão acerca do corpo e dos estados de presença de cada personagem foi essencial para a escrita do roteiro e para a sistematização de suas estruturas; pois apenas a partir dessas definições físicas e mentais que me foi possível incorporar cada personagem à escrita, essa que, por sua vez, se estabeleceu num processo imersivo e empático. Durante esse processo me dispus da criação em outras formas de arte – o desenho, a notação e a escrita em carta (chegar o apêndice); também me apoiei na criação de mapas mentais para a esquematização psicológica desses personagens, e só então pude encontrar suas vozes, seus

movimentos e vontades próprias, circunscritas por seus dramas íntimos e pelas relações estabelecidas entre cada um.

Adotei o estado de presença melancólico como estado inicial para os corpos dessas personagens. Elas (mulheres em sua maioria de destaque) estão lidando com a incompletude e o cansaço em alguma medida, pois habitam o mesmo universo contemporâneo capitalista onde há expectativas sobre seus corpos e há, de forma imprescindível, o choque com essas expectativas, a tragédia e a insatisfação.

Nosso processo capitalista nos revela a tragédia como norma: tornamo-nos cegos para as faltas, cegos para a miséria ao nosso redor, para a miséria de nosso corpo e de sua experiência no mundo [...] Temos a aparente sensação que as aceitamos “normalmente” e, na verdade, estamos passando por um processo hiperviolento de amputação, supressão, retaliação e repressão do próprio corpo: ao ignorar uma tragédia, uma segunda violência é criada em nossa subjetividade. Esse rasgo hiperviolento na alma é uma das faces da constelação que eu chamo de melancolia. (OLIVEIRA, 2017, p. 26)

A partir da melancolia advinda dessas tragédias, implícitas ou não no corpo do roteiro, haverá a necessidade e busca por movimento e reconexão, ainda que essa reconexão não se consuma. Creio que o movimento natural dos personagens teria por si só a potência de dar a perceber esse estado de sobrevivência que é sempre constante.

3.1.1 Clara

Mulher branca, 26 anos, de altura mediana, magra. Vinda da classe alta, ela vive com a madrasta em uma grande casa. Ela se dizia uma pessoa de esperanças, mas que não seguia qualquer religião à risca. Trabalhou em uma companhia profissional de dança, apresentou grandes espetáculos, assim, ocupou seu tempo com a performance e estudos voltados à técnica do balé clássico. Clara encontrava no seu “dom” para a dança e na aceitação do público o refúgio confortável de sua insatisfação pela condição finita do próprio corpo. Enquanto isso, suas lembranças mais especiais se remetiam aos momentos com o seu finado pai e com sua família do interior do Ceará. Ela nunca conseguiu estabelecer uma boa conexão com sua madrasta, nem mesmo após o suicídio de seu pai, por essa outra cobrar de si uma confiança na justiça divina que Clara já não conseguia ter. Quando Clara sofre um acidente de trânsito ao andar de bicicleta, seu joelho sofre danos graves e, por isso, ela é forçada a fazer uma pausa em sua carreira. A confiança de Clara na própria vida é colocada à prova e ela

passa a se afetar negativamente com os sermões de sua madrasta, com o tédio e com o medo de novos acidentes. Clara se torna, dentro da própria casa, um corpo doente e melancólico, interrompido pelo acaso do cotidiano.

Entretanto, a sua vontade é de se manter em movimento. Então ela decide se mudar e procurar formas de se manter sozinha, longe das memórias da família e do balé. Nesse contexto, ela se torna professora de reforço e auxilia um adolescente chamado Rodrigo com sua dificuldade em entender Física. Ela também encontra a amizade simples e despreocupada de Catarina, que cresce conforme ambas convivem num pequeno apartamento próximo ao centro da cidade de Fortaleza. Em sua nova rotina, Clara passa pelo processo de aceitação de seu acidente, mesmo enquanto precisa conviver com as dores na perna e a medicação que a controla. Essa questão culmina quando ela recebe o resultado dos exames fisioterapêuticos: eles constatam que a condição de seu joelho é irreversível e ela sempre sentirá dor. Agora, totalmente desapegada da esperança de voltar a ser o que era antes, Clara foca na vivência de seus novos dias e, mesmo quando o buraco negro ameaça a existência de todos os seres na terra, ela não deixa que o desespero ilógico perante essa fatalidade atrapalhe seus últimos dias de vida.

Clara é, em minha visão, a personagem que contém simultaneamente, em seu corpo, a vibração e a paralisia, e sua jornada é definida pelo jogo entre esses dois estados. Ela é o ser que recua ao absurdo, mas que já teve sua trajetória marcada por ele. Que dança, em vida, a dança macabra e faz dela sua performance.

3.1.2 Dona Valéria

É uma viúva de 54 anos, mulher baixa, branca, gorda e de boa saúde. Mora na mesma casa desde que se casou com o pai de Clara, e possui o direito legal à pensão deixada por ele após sua morte; a casa onde mora é grande, situada em um bairro nobre de Fortaleza, onde ela vive com conforto, mas rodeada de nostalgias advindas das lembranças do finado marido e de sua vida enquanto ainda moravam em Santana do Cariri. Diferente da enteada, Valéria se encontra inicialmente conformada com a realidade em que vive e não vê necessidade em mudá-la. Quando Clara se acidenta, Dona Valéria a fornece assistência e caridade; porém, e embora fosse afetada fortemente, tanto pelo suicídio de seu esposo, quanto pelo acidente de Clara, ela tende a não compreender a revolta de sua enteada e a confiança de Valéria na justiça divina acaba por ser entendida como indiferença.

Quando Clara vai embora, ela se depara sozinha, habitando a grande casa, e nessa solidão, sua presença se esvazia de significado. Dona Valéria, enquanto planeja secretamente o retorno à Santana do Cariri, se desfaz de muitos dos objetos que não lhe valiam ou lhe traziam angústia. Quando o fim do mundo é anunciado, Valéria precisa antecipar sua partida da cidade, pois quer estar no interior do estado, perto de seus familiares durante seus últimos dias.

3.1.3 Catarina

Uma mulher trans, mediana de 24 anos, caloura do curso de Ciências Sociais. Vive num bairro próximo ao centro da cidade de Fortaleza e está em constante busca por emprego. Catarina possui uma animação fora do comum para encontrar formas diferentes de se ocupar e se engajar, também tem uma grande curiosidade com novas pessoas. Ela apoia interesses de esquerda e está mais consciente sobre as discussões políticas pertinentes de onde vive. Embora aparente uma postura sempre determinada, há momentos em que Catarina teme que seus esforços não sejam suficientes para que se mantenha na cidade e precise retornar à Jaguaribe, sua cidade natal, onde teve uma infância conturbada com o pai conservador.

Catarina não se importa com o jeito introspectivo e meio misterioso de Clara e busca pela sua amizade de forma despreziosa, sendo retribuída pela outra dentro do tempo em que as duas convivem e compartilham suas memórias do interior. Quando o fim do mundo está próximo, Catarina passa a compartilhar a mesma trajetória de sobrevivência que Clara e, mesmo estranhando a aparente tranquilidade da sua colega dadas as circunstâncias, Catarina resolve aderir ao mesmo estado.

3.1.4 Débora

Mulher branca, 24 anos, alta, magra, de feições simpáticas e aura emotiva. Ela ministra aulas de dança para crianças pequenas no mesmo estúdio de balé onde Clara costumava frequentar, antes do acidente. Considerada talentosa, Débora também apresentou diversos números, mesmo em sua jovem trajetória; e durante essas viagens, shows e treinos, ela se tornou uma das amigas mais próximas de Clara.

Quando Clara se acidenta, Débora é pedida pelos organizadores do próximo espetáculo para ficar no lugar da amiga, coisa que a deixa um tanto constrangida, pois ao mesmo tempo que desejava estar no espetáculo, também entendia o quanto sua amiga trabalhou para

apresentá-lo e como seria frustrante tentar substituí-la nesse contexto cruel. Contudo, Débora faz o possível para auxiliar Clara em sua decisão de se mudar e não a questiona, ainda que não possa se identificar com a dor da amiga e que tenha a constante impressão de que, após isso, elas se afastariam.

3.1.5 Pai de Clara

Sem nome e sem rosto, o pai de Clara é uma presença que ainda vive nas memórias dela. Ele teve uma boa carreira militar, mas ela por vezes o obrigava a passar temporadas longe da família; desse modo, convenceu Clara e Dona Valéria a se mudarem para Fortaleza, onde puderam levar uma vida bastante confortável e de privilégios. O pai de Clara era um homem bondoso, tranquilo, bem humorado em momentos sociais e tinha o hábito de ouvir música quando descansava.

Contudo, ele também era afetado por uma forte e inexplicável angústia, essa que passava despercebida tanto de seus colegas militares, quanto da família. Constrangido em buscar ajuda no ambiente majoritariamente masculino e tradicional em que trabalhava, o Pai de Clara se calou sobre seu sentimento. E, em sua muda melancolia, ele comete suicídio aos 51 anos, inevitavelmente deixando inércias de sua anterior presença pela casa e na lembrança de quem era próximo a ele. Os motivos pelos quais ele chegou a essa trágica decisão são misteriosos e pertenciam apenas à sua experiência em vida.

3.1.6 Rodrigo

É um garoto de 12 anos, gordinho, de cabelos cacheados. Ele é bastante ativo, gosta de brincar com os amigos, mas já desperta curiosidade pelo mundo dos adultos e dos adolescentes, tenta compreendê-los através da própria experiência que é ainda marcada pela ingenuidade e pela inocência. Sua dificuldade em entender Física o leva a encontrar com Clara quando ela vira sua professora de reforço.

Rodrigo é bem humorado, gosta de fazer piadinhas mesmo quando sabe da própria dificuldade com a matéria e embora fique chateado quando não consegue entender alguma coisa. Ele sabe que sua mãe, Dona Teresa também ficaria chateada caso ele não passasse de ano com boas notas; Rodrigo entende o trato com a mãe, sabe que pode ficar de castigo e perder por um tempo os momentos de diversão aos quais ainda é bastante apegado. Portanto,

Rodrigo em seu íntimo percebe Clara como uma companhia interessante, que vai ajudá-lo com sua dificuldade e, por vezes, diverti-lo também.

3.1.7 Arthur

Um jovem negro de 25 anos, magrelo e de barbicha que faz o mesmo curso de Ciências Sociais que Catarina, estando num semestre mais adiantado que o dela. Coincidentemente, Arthur também é conhecido por Clara por já ter namorado uma de suas amigas. Arthur é muito apegado ao estudo e mora com a família próximo à Cidade 2000. É bem humorado e tem uma presença amigável e tranquila; nos momentos de socialização, quando é visto pelos amigos, ele geralmente está fumando para relaxar.

Antes do seu aniversário de 26 anos, Arthur se esforçou para alugar uma casa de praia na Praia do Futuro, onde chamaria seus amigos e colegas do curso para uma festa. Contudo, a aproximação de um buraco negro põe em dúvida o acontecimento dessa festa; diante dessa condição, Arthur resolve fazer a festa de qualquer jeito, apoiado pelo seus amigos que se recusaram a deixar a cidade. Tocado por esse gesto, Arthur escreve uma carta sobre o sonho que teve antes do fim do mundo.

3.1.8 Vozes da cidade

Em *Desórbita*, entendo que toda a cidade possui voz, não apenas os personagens principais. Seu Geraldo, Dona Teresa, o Pedinte, a Atendente, o Artista de Rua são personagens que estão um pouco mais afastados da narrativa central, mas que integram a experiência coletiva de estar na cidade, de se encontrar com o novo e o anônimo; vê-los e ouvi-los mesmo que por alguns instantes também é, nesse roteiro, significante.

3.1.9 O buraco negro

Segundo a Física, o buraco negro é um lugar no espaço onde a gravidade é tão forte que nem mesmo a luz consegue escapar dela; essa mesma gravidade é forte o suficiente para provocar uma distorção no espaço-tempo, delimitada pelo “horizonte de eventos” ou “ponto de não-retorno”. Nas palavras de uma das vencedoras do Nobel da Física de 2020, Andrea Gehz, “Não temos nenhuma ideia do que há dentro do buraco negro – eles são o colapso do

entendimento das leis da física.”² Portanto, assim como a razão da existência de uma peste ou um vírus, o interior de um buraco negro habita o local da irracionalidade.

Em *Desórbita*, o Buraco Negro age como uma força antagonista no universo da história, tendo uma presença transitória, inconstante e causando medo nas personagens, devido a sua natureza fatal e misteriosa. Contudo, não chega a ser um personagem humanizado ou personificado; e seu surgimento no céu vai pôr em evidência o caos entre personagens, o sensacionalismo na mídia, mas, com o tempo, ele acaba invertendo a expectativa de uma catástrofe radical, pois seus efeitos de distorção ocorrem de forma lenta, confundindo tempo e espaço e gerando uma nova vivência do aqui-agora.

O buraco negro em *Desórbita* também surge de forma metafórica, antes mesmo do apocalipse ser anunciado – está nos momentos íntimos e de contemplação de Clara, são os objetos escuros em sua visão, a sombra sob as árvores, o ralo, os espaços onde não se pode enxergar e a imagem interrompida nas lembranças seu finado pai.

3.2 ESTRUTURA

Após escrever a escaleta de cenas, ordenei e reformulei as cenas levando em conta uma série de questões sobre cada uma delas – importância narrativa, atmosfera, aspectos estéticos e transições entre cenas. E, nesse processo, algumas cenas foram dispensadas e outras tomaram seus lugares; muitas apenas surgiram após o início da escrita do roteiro e foram realocadas dentro da escaleta. Dada essa escaleta, pude notar que o roteiro se dividia em dois arcos principais, esses que, por sua vez, poderiam se dividir em dois blocos temáticos cada. Nomeei os quatro blocos do roteiro como *Melancolia* (da cena 1 até a cena 13), *Vibração* (da cena 14 até a cena 24), *Consonância* (da cena 25 até a 39) e *Sobrevivência* (da cena 40 até a 52).

Melancolia trata de uma introdução ao estado psicológico e físico da personagem Clara. Nesse bloco visitamos a inércia deixada pelo seu acidente e pela morte de seu pai, a conhecemos em suas memórias que estão dadas tanto como flashbacks ou em elementos da grande casa onde ela repousa após receber alta do hospital. Aqui encontramos a razão pela qual ela quer ir embora desse vazio. Em *Vibração*, Clara trabalha meios de se mudar, de se

² Lara Pinheiro para matéria do G1 “O que a ciência já sabe sobre buracos negros?” Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/10/06/nobel-de-fisica-2020-o-que-a-ciencia-ja-sabe-sobre-buracos-negros.ghtml>. Acesso em: 10 de out. de 2020.

medicar, de encarar o novo cotidiano sozinha enquanto ainda está apegada à incerteza do retorno ao balé; essas esperas e incertezas são acompanhadas pela sua dor física e seu cansaço. Aonde vai, Clara encontra pequenos conflitos, sente-se afetada por eles, angustiada. Em *Consonância*, após Clara receber o resultado do exame que atesta sua dor definitiva, sua angústia começa a ser curada, pois agora não há mais motivos em se apegar à esperança de retornar ao balé; neste acordo com si mesma, ela se percebe diante dos limites da natureza com os quais é incapaz de lutar. Em *Sobrevivência*, Clara e Catarina acompanham uma à outra conforme tentam manter seus meios de vida nos últimos dias do mundo. Elas arranjam comida, fazem gambiarras para continuar com energia elétrica e então vão para a festa de aniversário juntas.

Quando finalizada a construção da escaleta, optei por destacar esses blocos com cores correspondentes a cada um; assim também fiz com cenas delimitadas no mesmo espaço (físico ou psicológico), podendo então aproximá-las e notar como se determinavam as ações dramáticas em cada espaço, o que mudava nos personagens a cada revisita ou vice-versa. Essa aproximação de cenas também ocorreu por meio de mapas mentais (chegar apêndice) e foi crucial para a realização de uma escrita fluida e consciente.

3.3 ESTÉTICA

Se o roteiro é a partitura, para compor bem os roteiristas precisam conhecer os códigos da narrativa audiovisual. O primeiro passo para isso é aprender a ouvir e entender o uso do som e suas possibilidades. Essa escuta é a escuta do cotidiano, das formas de falar das pessoas, das narrativas orais, dos ambientes que frequentamos. É também a escuta atenta dos filmes, seus efeitos, ruídos, vozes e músicas. Das possibilidades de relações entre sons e personagens e também das possíveis relações entre som e espectador. (PARO, 2016, p.107)

Em *Desórbita*, as palavras que evocam os sons são tão importantes quanto as palavras que evocam as imagens, dessa forma elas não existem no esquema de subordinação que somos induzidos a adotar onde o som apenas “ênfatiza” a imagem, lhe dá o sentido ou completa a experiência de vê-la. Aqui o som deve possuir sentido próprio, deve dar a perceber seu próprio universo, embora não esteja separado da imagem na experiência proposta. Tentei evocar essa noção de interdependência em minha escrita ao sugerir o uso de diferentes técnicas que, em dados momentos do filme, evidenciassem os sons, não apenas como

ferramentas de orientação para o espectador, mas como ativadores da experiência íntima dos personagens e seus encontros com o mundo.

As palavras *encontro* e *desencontro* permeiam a escrita e podemos percebê-las nas sugestões de montagem de som e imagem em cenas como a cena 7, onde o som da cena seguinte é “adiantado”, causando sensação de mudez e deslocamento nas imagens. Há cenas como a cena 6 e 9, em que o ruído branco será predominante e irá pertencer a um espaço alheio ao que é visto na imagem, criando assim uma atmosfera de estranhamento, também relacionada ao estado de presença de Clara. Há o desencontro das imagens, de cenas onde Clara está sozinha, em momentos de contemplação, com a narração que é marcada pelo ruído branco anteriormente citado; ao mesmo tempo, nessa relação, há o encontro entre o conteúdo da narração com o estado psicológico da personagem. Até então, não conhecemos o narrador, mas ele será revelado como Arthur, no último bloco do filme (cena 51), quando nos encontramos com sua imagem. Dessa forma som e imagem marcam a passagem espaço-temporal, agregando significado às cenas.

Outros efeitos sonoros são trabalhados na noção de passagem e significação. Por exemplo, o som da ambulância dá a entender o afeto da personagem em relação de seu acidente – a priori, é um som que provoca ansiedade, que marca a aproximação de algo angustiante. Em outro momento, ele se torna distante, mas não deixa de existir, de passar, pois é um som que pertence à cidade, e que pertence à memória afetiva de Clara (checar cenas 14 e 41). Há também o uso da música que tanto demonstra o contexto de multiplicidade cultural presente no universo do filme, como dá abertura para que, por meio dela, conheçamos os afetos compartilhados de uma cena à outra; nessas transições entre cenas e afetos, propus a experimentação entre a música diegética e não-diegética (CHION, 2011, p. 62), e que, na música diegética, estivesse perceptível a qualidade desses sons, definida por suas fontes sonoras, que, por sua vez, dessem a entender as marcações narrativas, como as de passagem de tempo (checar cenas 11 e 12).

No roteiro, assim como o som, explorei aspectos das imagens que fossem interessantes para compor uma narrativa sensorial e afetiva a partir do jogo entre luz e sombra, visto e não visto, os lugares *entre*. A cidade à noite em *Desórbita* é marcada pelas luzes do trânsito, elas percorrem os corpos, as janelas, invadem o sono assim como os sons (cena 41); durante o dia, a luz que é distorcida na vidraça da clínica também revela o trânsito (cena 24) e então esse trajeto retilíneo da luz é domado por Clara e Catarina depois que elas imergem na escuridão

(cena 48). Por vezes, esse incessante trânsito da luz da metrópole se choca com a calma das imagens da bela natureza do sítio, e é interessante para o roteiro que haja essa experimentação das concordâncias e discordâncias entre imagens, os paradoxos que são formados a partir delas.

Visto isso, retomo a ideia de Bondía e reitero que para que essas imagens e sons possam nos tocar de alguma forma é preciso dar-lhes o tempo da experiência. O tempo da leitura é distinto do tempo em que filmamos ou assistimos uma obra audiovisual, pois as palavras são abertas, e, quando sugerem imagens e sons, cada leitor irá imprimir sua própria imaginação sobre elas. Como realizadores, podemos ler o roteiro e apenas imaginar a duração de cada cena, então adaptar, da escrita para o audiovisual, de forma que nos façamos entender. Compreendo que *Desórbita*, em sua proposta e estrutura, foge dos padrões comuns de escrita de roteiro; aqui, algumas cenas escritas em poucas páginas são longas, merecem a contemplação, o respiro de quem as assiste; enquanto isso, uma cena escrita em muitas páginas adota uma fluidez entre as outras cenas, passa mais rápido. É preciso que haja uma abertura para a experimentação dessas estruturas, para que seja possível de todas as histórias incompreendidas serem contadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] Sísifo ensina a fidelidade superior que nega os deuses e levanta os rochedos. Ele também acha que tudo está bem. Esse universo doravante sem senhor não lhe parece nem estéril nem fútil. Cada um dos grãos dessa pedra, cada clarão mineral dessa montanha cheia de noite, só para ele forma um mundo. A própria luta em direção aos cimos é suficiente para preencher um coração humano. É preciso imaginar Sísifo feliz. (CAMUS, 1942, p. 88)

Me sinto feliz pelas escolhas que me trouxeram até a escrita deste memorial, também pelo tempo que se passou desde o início da pesquisa até a finalização do roteiro; não apenas pelo tempo correspondente ao trabalho, mas também pelo tempo em que não trabalhei, apenas descansei, pensei, conheci outras coisas, me diverti e me permiti ser afetada pela música, pela dança e pela literatura; enfim, pelo tempo que vivi até então.

Agora entendo que a finalização do memorial não fecha a minha experiência em um ciclo, mas a abre num ramo de possibilidades que estão no tempo por vir, como num mapa; dessa forma entendo o *Desórbita* como uma projeto elaborado a partir de experiências passadas, mas que aponta para o futuro de sua própria realização, e nesse futuro a obra poderá encontrar com o mundo, com outros artistas que nele existem. Eis a pulsão encontrada na arte – ela cria no mundo uma rede de afetos, uma cadência de infinitas possibilidades. Estudar em um ambiente como o Instituto de Cultura e Arte me fez perceber que essa rede de afetos é coletiva, mas que depende da vontade de cada um em produzir arte. Essa vontade é válida, íntima, sempre tem a ver com a trajetória de uma vida e não está desconectada do pensamento do corpo e de seu cenário.

Escrever me fez perceber que não estou sozinha, tanto na luta contra a discriminação de gênero, na defesa do conhecimento, quanto no próprio ato de escrever e produzir arte. Escrever, pesquisar e fazer cinema já me faz encontrar o lugar *entre* que pertence a mim e está situado nesse cenário coletivo e de encontros; onde é preciso notar os privilégios e violências que nos permeiam, negar sermos definidos por eles, e assim lutar contra a paralisia que nos impede de viver e criar arte ao nosso modo.

REFERÊNCIAS

Livros

CABRERA, Julio. **O cinema pensa**: uma introdução à filosofia através dos filmes [1999]. Trad. de Ryta Vinagre. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo** [1942]. Trad. de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CAMUS, Albert. **A peste** [1947]. Trad. de Valerie Rumjanek. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro** [1942]. Tradução de Valerie Rumjanek. 54. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.

CHION, Michel. **A Audiovisão**: som e imagem no cinema [1990]. Trad. de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Texto & Grafia, 2011.

NANCY, Jean-Luc. **Corpus**. Paris: Éditions Métailié, 1992.

SARTRE, Jean-Paul. **Situações I**: crítica literária [1947]. Trad. de Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

Dissertações de mestrado

OLIVEIRA, Nathalia Catharina Alves. **Alma hiperbólica**: dramaturgia de um corpo melancólico. Orientadora: Maria Helena Franco de Araújo Bastos. 2017. 228 p. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-28052018-104915/publico/NATHALIACATHARINAALVESOLIVEIRAVC.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2021.

PARO, Iana Cossoy. **Escrever o som**: busca pelo espaço do sonoro em roteiros audiovisuais. Orientador: Eduardo Simões dos Santos Mendes. 2016. 116 p. Dissertação (Mestrado em Meios e Processos Audiovisuais) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-07032017-134454/publico/IANACOSSOYPARO.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2021.

Artigos

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2020.

DAMASCENO, Veronica. Do trágico à dramatização em Nietzsche e Deleuze. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 20, n. 30, p. 132-152, dez. 2011. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/346>. Acesso em: 17 jan. 2022.

GIL, Inês. A atmosfera como figura filmica. *In*: FIDALGO, António e SERRA, Paulo (org.). **Estéticas e Tecnologias da Imagem**. Vol. 1. Anais do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico, Universidade da Beira Interior, Covilhã, p. 141-146, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gil-ines-a-atmosfera-como-figura-filmica.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2021.

VIEIRA JUNIOR, Luiz Alberto Veiga. Kierkegaard e Camus: uma análise da melancolia existencial. **Percursos**, Curitiba, v.1, n. 11, 2011. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/percurso/article/view/430/334>. Acesso em: 16 mar. 2021.

Artigo e/ou matéria de jornal ou site

CORONAVÍRUS: Há um ano, Bolsonaro chamava COVID de gripezinha em rede nacional; relembre. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 24 mar. 2021. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/03/24/interna_politica,1250005/ha-um-ano-bolsonaro-chamava-covid-de-gripezinha-em-rede-nacional-relembre.shtml. Acesso em: 15 jan. 2022.

PIERRI, Vitória. Banalização das doenças mentais dificulta diagnóstico e tratamento. **Jornal da USP**, São Paulo, 12 fev. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/banalizacao-das-doencas-mentais-dificulta-diagnostico-e-tratamento/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

PINHEIRO, Lara. Nobel de Física 2020: O que a ciência já sabe sobre buracos negros? **G1**, São Paulo, 06 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/10/06/nobel-de-fisica-2020-o-que-a-ciencia-ja-sabe-sobre-buracos-negros.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2020.

SUICÍDIO: OMS alerta: Suicídio é a 3ª causa de morte de jovens brasileiros entre 15 e 29 anos. **Secretaria de Saúde do Estado da Bahia**, 10 set. 2020. Disponível em: <http://www.saude.ba.gov.br/2020/09/10/oms-alerta-suicidio-e-a-3a-causa-de-morte-de-jovens-brasileiros-entre-15-e-29-anos/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

Filmes

A ilha nua (*Hadaka no Shima*). Direção: Kaneto Shindô. Roteiro: Kaneto Shindô. Produção: Eisaku Matsuura. [Tóquio]: Kindai Eiga Kyokai, 1960. 35mm (96 min), p & b.

CLÉO de 5 às 7 (*Cléo de 5 à 7*). Direção: Agnès Varda. Roteiro: Agnès Varda. Produção: Georges de Beauregard e Carlo Ponti. [Paris]: Ciné-tamaris e Rome Paris Films, 1962. 35mm (90 min), colorido/p & b.

GOSTO de cereja (*Ta'm e guilass*). Direção: Abbas Kiarostami. Roteiro: Abbas Kiarostami. Produção: Alain Depardieu. [Teerã]: Abbas Kiarostami Productions; [Boulogne-Billancourt]: CiBy 2000; [Teerã]: Kanun parvaresh fekri, 1997. 35mm e DCP (95 min), colorido.

JEANNE Dielman (*Jeanne Dielman, 23, quai du commerce, 1080 Bruxelles*). Direção: Chantal Akerman. Roteiro: Chantal Akerman. Produção: Guy Cavagnac. [Bruxelas]: Paradise Films; [Paris]: Unité Trois, 1975. 35mm (202 min), colorido.

APÊNDICES

APÊNDICE I - ROTEIRO DE DESÓRBITA

Desórbita

Escrito por

Nadine Ribeiro Lacerda

1. INT. NOITE. TEATRO JOSÉ DE ALENCAR

FLASHBACK

O holofote liga sobre CLARA (26), uma jovem de pele bronzeada e cabelos castanhos amarrados e bem penteados. Seu corpo é firme e bem esculpido, e está vestido em um figurino de ballet com pedraria vermelha e tutu estilo prato. O rosto de Clara está maquiado com bastante contorno ao redor dos olhos e no nariz.

"La Danse Macabre" começa a tocar e Clara se move de forma precisa, dançando ballet de acordo com as marcações instrumentais na canção.

No final do primeiro terço da coreografia, vemos outros bailarinos se misturando no palco, vestindo figurinos também vermelhos e outros vestem preto. As cores se equilibram nas formações montadas por eles.

Nos distanciamos gradualmente do número de ballet durante o segundo terço da canção, até que a figura de Clara se tornasse quase anônima entre os outros bailarinos semelhantes a ela.

FIM DO FLASHBACK

2. EXT. DIA. RUAS DA CIDADE

Nas calçadas, as árvores dividem espaço com a paisagem urbana de trânsito intenso, suas sombras de suas folhagens são escuras, enquanto o entorno é iluminado pelo sol forte. Ouvimos o último terço de "La Danse Macabre" até o final.

A roda de uma bicicleta que passa por uma das ruas.

O carro começa a andar e a paisagem com as árvores se move horizontalmente, ficando para trás. Vemos Clara olhando para a rua pela janela do banco traseiro. Percebemos que "La Danse Macabre" tocava em seu fone.

TAXISTA

(Abafado pela música que
Clara escuta)

Tá meio silêncio, né? Vou ligar a
rádio.

DONA VALÉRIA

(Fora de quadro)

Pode ser.

O taxista liga a rádio e Clara tira sua atenção da rua, resolvendo tirar o fone para não se incomodar com as músicas agora em sobreposição. Quando ergue a mão vemos a pulseirinha do hospital.

Logo os sons dos motores e dos trânsitos se sobrepõem ao som da música na rádio e tudo se torna meio ininteligível.

Então Clara fecha os olhos, agoniada, e deita a cabeça no banco para tirar um cochilo, ignorando DONA VALÉRIA, 54, uma mulher baixinha e vaidosa que observa Clara com perícia e está sentada ao seu lado, no banco traseiro.

Clara não consegue cochilar, sua perna direita treme sobre o assoalho do carro enquanto a outra está esticada e paralisada.

3. INT. DIA. CASA DE DONA VALÉRIA (SALA)

A sala é espaçosa, bem decorada e antiga, típico espaço de elite. Clara está sentada na poltrona de frente para uma mesinha, está curvada e quieta, ela tenta arrancar a pulseirinha do hospital.

Dona Valéria interrompe o silêncio com um bocejo, e deixa uma bandeja prateada com um sanduíche e um copo de achocolatado sobre a mesinha, mas Clara continua concentrada em sua ação, até arrancar a pulseira, amassá-la e jogá-la fora.

Quando se deu por conta, Dona Valéria já estava longe de si, andando para o interior da casa.

CLARA

(Pegando o sanduíche e comendo)

Obrigada, Dona Valéria.

DONA VALÉRIA

(de costas no corredor)

De nada, minha filha.

A sala parece maior e mais vazia. Agora podemos ver a bicicleta de Clara com ambas as rodas amassadas no espaço perto da porta

de entrada. A perna esquerda de Clara está estendida ao lado da mesinha, enquanto ela come devagar.

Clara olha para dentro do achocolatado e seu olhar se perde. Ela paralisa novamente, em devaneios.

4. INT. NOITE. CASA DE DONA VALÉRIA (COZINHA)

Ouvimos o zumbido da cerca elétrica que envolve a casa.

Clara está de pijama, seus cabelos amarrados de qualquer jeito. Clara tranca as janelas da cozinha e as sacode para ter certeza que estão fechadas, fazendo barulho. Ela repete o gesto algumas vezes.

Com alguma dúvida ela se afasta e vai até o escorredor na pia, vira as facas do escorredor para baixo, uma por uma. Checa também as baterias e os resistores que ficam na dispensa em meio a um amontoado de fios. Mais zumbido. Então ela checa as bocas do fogão e as tomadas.

Dona Valéria entra na cozinha e pede licença com o quadril para pegar a torta de frango que estava no forno.

Ouvimos a campainha. Dona Valéria se apressa para sair com a torta e a ouvimos atender a porta. Um burburinho invade a casa pela perspectiva auditiva de Clara, que está na cozinha.

As vozes femininas se aproximam, Clara esboça uma expressão angustiada e escapa dali.

5. INT. NOITE. CASA DE DONA VALÉRIA (CORREDOR)

Clara passa pelas enormes estantes com seus troféus do balé e porta-retratos com familiares e amigos, mas Clara passa rapidamente, ignorando os objetos contidos nas estantes, como um vulto.

Ao entrar na sala, Dona Valéria empurra a bicicleta disforme para o canto, causando um barulho inconveniente ao esbarrar o material da bicicleta na grade de ferro.

Dona Valéria dá passagem para as suas amigas, JANAÍNA e CONCEIÇÃO, duas senhoras simpáticas na faixa dos cinquenta

anos. As três entram na sala. As vemos recortadas pelas paredes escuras do corredor, onde estão as estantes.

Clara chega no corredor escuro e senta sobre um baú, onde fica meio escondida, escutando a conversa alheia. Apenas a perna esquerda de Clara, por estar esticada, é visível pela luz que entra pela porta de um dos quartos. O resto de seu corpo fica na penumbra.

JANAÍNA

(Estridente)

Mulher, como tá tudo arrumado, tu tá fazendo a faxina sozinha no fim de semana?!

DONA VALÉRIA

Só esses dias não mata ninguém, não.

CONCEIÇÃO

(Com voz penosa)

Oh, Valéria, tu tá sendo tão boa, vai ser tão recompensada. Cidinha me disse da tua enteada, tão novinha a bichinha...

De repente, o diálogo para de forma meio constrangedora e volta aos poucos como um cochicho impossível de identificar. Clara continua como uma silhueta, ouvindo a conversa fora de quadro. Clara pega o celular e a tela ilumina seu rosto cansado. Por vezes, seu olhar se torna vago, indiferente.

JANAÍNA

Essa torta tá cheirando bem demais, num é.

CONCEIÇÃO

Mas tu já provou o risoto dela?! Mês passado foi aniversário do meu sobrinho e ela levou, foi bom demais.

DONA VALÉRIA

Janaina foi, mulher!

CONCEIÇÃO

E foi?!

DONA VALÉRIA

(Interrompendo o assunto, gritando)

Clara, vem comer!

FLASHBACK

6. INT. NOITE. TEATRO JOSÉ DE ALENCAR

Ruído branco e constante, o resto mudo.

Vemos rostos de homens vestidos em trajes sociais e tentando manter a atenção em qualquer que seja o espetáculo que estão assistindo. Um mexe no celular, o outro quase pega no sono; o outro, com sua mulher, tenta fazer o filho pequeno se comportar sobre o assento. Então as luzes se apagam e fica uma penumbra, todos param o que fazem para aplaudir esse espetáculo que acabou.

Ouvimos o barulho de um telefone tocando.

7. INT. NOITE. CAMARIM

Continua o ruído branco e o som de telefone tocando, o resto mudo

Clara encontra suas colegas bailarinas no camarim, ela carrega um buquê de flores, não vemos seu rosto, apenas seu ombro coberto por um figurino vermelho com pedrarias.

Vemos também os rostos das parceiras que as abraçam e dão pulinhos de felicidade, principalmente DÉBORA (24), outra bailarina, que está animada, bem maquiada e sorridente. Palavras mudas passam pela sua boca.

ATENDENTE

(Atendendo o telefone,
apenas voz)

Clínica Fisio, boa tarde, posso
ajudar? ... Qual o seu convênio,
senhora? ... Nome completo por
favor... Vou checar no nosso sistema,
um instante

FIM DO FLASHBACK

8. INT. DIA. CLÍNICA DE FISIOTERAPIA (SALA DE ESPERA)

Clara sentada numa fila de cadeiras, ao seu lado está Dona Valéria e nas outras cadeiras, idosos. Existem algumas flores de plástico decorando o ambiente. Clara olha para a atendente no balcão e espera, seu olhar acompanha alguns dos movimentos dessa atendente.

Ao seu lado, Dona Valéria escuta os áudios do WhatsApp no alto-falante de seu celular.

JANAÍNA

(Pelo áudio)

Tu levou a bicicleta pra consertar já? Renanzin nem deu notícia. Ficou barato?

DONA VALÉRIA

Mulher, barato não ficou né... Mas deu certo, daqui a uns dias a gente vai buscar. E vai ficar bem bonzin pra ele tirar um dinheiro e ajudar a mulher dele, né... Tu soube? Mulher, mas se Deus quiser vai dar tudo certo, viu, Ele escreve torto por linhas certas.

A última frase dita por Dona Valéria roubou a atenção de Clara, que bufou da piada acidental, sem ser percebida.

Então Clara, entediada, pegou o próprio celular e abriu por acidente no story do Instagram do estúdio de balé onde dançava. Nele, a Débora posa ao lado de suas alunas do balé infantil.

Em alguns vídeos e fotos, essas garotinhas aparecem de frente ao espelho, dançando de forma ordenada na frente do grande espelho da sala. Nos vídeos seguintes, as garotinhas brincam de pega-pega dentro do estúdio e Débora acompanha elas, correndo. Na última foto do story todas as pequenas bailarinas estão juntas, posando para a foto ao lado de Débora.

9. INT. NOITE. CASA DE DONA VALÉRIA (BANHEIRO)

Clara toma banho de chuveiro e mantém a cabeça abaixada. Enquanto a água escorre pelo seu cabelo e pelo seu corpo, ela a observa escoar pelo ralo, levando alguns fios de seu cabelo. O ruído branco da água do chuveiro se modifica até parecer um chiado de rádio.

NARRADOR

(Voz ruidosa, como se transmitida por rádio)

Antes de tudo isso acontecer, eu sonhei que um tsunami engolia a beira mar de Fortaleza. Foi pesado, como se a terra se tivesse dobrado para dentro do mar e não ao contrário. Fiquei na sacada do prédio, imaginando como teria sido encarar aquela imensa onda de frente, esperar que ela me levasse como o vento leva as sementes de dente-de-leão. Lembrei da sensação de levar um caldo na praia: a prancha abandona seus pés e vai pro outro lado, de repente você sente que está caindo, mas não consegue saber onde é o chão.

FLASHBACK

10. EXT. DIA. SÍTIO DA FAMÍLIA

A copa de um cajueiro é vista de cabeça para baixo. Há seus galhos bonitos e bastante céu "sob" eles. Os sons ininteligíveis das crianças brincando, de panelas se chocando na cozinha e o canto do Inhambu-Chororó se misturam a um ruído grave e lento.

Percebemos que a pequena Clara (7) está pendurada de cabeça para baixo ao brincar na mureta da varanda. Atrás dela há uma varanda e uma porta por onde podemos ver as canelas dos adultos se movendo no que parece ser a cozinha.

Um homem adulto, o PAI DE CLARA, se aproxima de Clara e para ao lado da porta da varanda, vemos apenas seus joelhos relaxando quando ele encosta à parede. Um sorriso se forma no rosto da pequena Clara.

11. EXT. DIA. SÍTIO DA FAMÍLIA

O ruído grave diminui, se mantém os sons pacíficos dos pássaros e da cozinha. Há um sonzinho no interior da casa tocando "Gostoso Demais" de Dominginhos e liberando alguns chiados típicos de rádio.

Há uma rede pendurada na varanda, que balança devagar. Ao redor, vemos a vegetação verde preencher os recortes entre as muretas e colunas da varanda.

Na rede está o pai de Clara usando uma das pernas para balançar a rede, uma mão para segurar seu cigarro aceso e a outra mão para fazer carinho na cabeça de Clara (7) que adormece pacificamente em seu peito.

Um lado da rede está alto por conta da posição dos corpos e o pano acaba escondendo o rosto do Pai de Clara.

12. INT. DIA. CASA DE DONA VALÉRIA (QUARTO DE VALÉRIA)

Há a ambiência silenciosa da cidade, exceto pelo bar vizinho e distante que escuta "Gostoso Demais" do Dominginhos.

Concentrada, Dona Valéria faz faxina no armário de seu quarto, limpando o pó com um espanador. Ela pega com a mão as medalhas militares de seu finado marido, Pai de Clara, e as limpa, dessa vez com mais precisão, usando um pano. Enquanto o faz, cantarola a mesma música do Dominginhos, baixinho.

Dona Valéria deixa as medalhas expostas ao lado dos porta-retratos onde, em uma das fotos, se pode ver ela mesma, o Pai de Clara, um homem alto e barbudo, e Clara (16) vestida com um figurino rosa do balé. Todos estão bem arrumados, dando a entender que se trata de uma fotografia de evento, tirada por uma quarta pessoa. Ao lado do porta retrato há uma imagem de Santa Ana.

13. INT. DIA. CASA DE DONA VALÉRIA (COZINHA)

Dona Valéria se serve do almoço que foi colocado sobre a mesa em algumas panelas, então ela se senta em um dos lados da grande mesa. Clara surge mancando pelo lado oposto e começa a pôr a comida em seu prato.

DONA VALÉRIA
(Vendo Clara mancar)
Já tomou remédio?

CLARA

Tomei hoje cedo. Vou tomar mais tarde, depois.

Clara põe a comida, mas permanece de pé ao notar a bicicleta que está novinha em folha, ao lado da porta dos fundos.

CLARA

Eita como ficou boa.

DONA VALÉRIA

Ficou né... Mas teve que trocar quase tudo. Pelo menos agora dá pra vender na Olx.

CLARA

Nam. Eu fico com ela, tô ficando melhor.

Dona Valéria olha para Clara com descrença enquanto come. Há um momento de silêncio, depois alguém buzina na rua com raiva roubando a atenção das duas por um breve instante.

DONA VALÉRIA

Vai fazer o que com uma bicicleta dentro de casa? Você não tá saindo.

CLARA

Mas eu vou sair.

DONA VALÉRIA

Sai de táxi.

CLARA

(Aparente tranquilidade)

Eu quero me mudar e vou levar minhas coisas. A bicicleta é minha.

Dona Valéria dá mais uma garfada na comida e mastiga, hesitando em responder. Seu olhar é de desconfiança.

DONA VALÉRIA

Vai voltar pra Santana?

CLARA

Monte Castelo.

DONA VALÉRIA

Morar sozinha?

CLARA

Uhum.

DONA VALÉRIA

Tá doida?

CLARA

Vou ficar se eu não sair daqui.

Clara abaixa a cabeça e come devagar. Dona Valéria apoia o cotovelo na mesa e cobre parte do rosto com a mão.

DONA VALÉRIA

(Contrariada)

Tu fica com essas conversa, menina, aqui tem mais segurança, é mais perto de tudo, da praia, do shopping... Aqui tem seus remédios, tem seus amigos, e o povo da congregação só fala de tu, te querem tão bem! Mesmo tu não indo lá faz um ano. Pelo amor de deus, eu te levo toda semana na fisioterapia, pra você ficar boa e voltar logo; tô fazendo tudo sozinha nessa casa porque você não pode, me diga o que eu fiz de errado.

Clara espera um pouco, com dificuldade para engolir a comida, depois toma um longo gole do suco. Dona Valéria olha, sem reação.

CLARA

(Indiferente)

Absolutamente nada.

14. EXT. DIA. RUAS DE FORTALEZA

Os carros parecem monstros, atacando de todos os lados, correndo para avançar o sinal, buzinando. Muitos veículos passam rápido em uma curva fechada. Em outro trecho, pedestres também correm. Há muita gente, muito calor.

Clara está vestida numa roupa casual, dentro de um táxi, mexendo no celular e se sentindo enjoada com o balanço. Então o carro para no sinal e um pedinte aparece na faixa de pedestres, falando alto e rápido, aproveitando o curto tempo do sinal fechado.

PEDINTE

Meus senhores, minhas senhoras, venho aqui compartilhar minha história com honestidade: a alguns meses tive um sério problema com álcool, perdi meu emprego e fui expulso de casa. Passo por dificuldades que nunca antes sonhei, mas tenho fé no nosso Senhor Jesus Cristo e em Deus, que me abençoou com mais um dia de vida, para honrar sua palavra, diante de pessoas também abençoadas como vocês à minha frente. Por isso estarei pedindo uma pequena colaboração, qualquer quantia, 50 centavos, um real, para mim já é de grande ajuda.

Clara, depois de ouvir o Pedinte, decide abrir sua bolsa e separar alguns trocados. Ouvimos uma sirene de ambulância distante.

Ao ouvir o tilintar das moedas, o Taxista decide fechar as janelas do carro, impedindo que o Pedinte se aproximasse do veículo. Brava, Clara olhou para o taxista pelo retrovisor, onde havia um terço branco pendurado.

O olhar do Taxista a encontrou com desafio, mas ele nada disse, apenas acelerou o carro quando o sinal abriu. O som da sirene de ambulância se aproxima.

As mãos firmes do Taxista seguram o volante ao lado do celular que mostra um mapa virtual da cidade. O carro volta a balançar ao andar. Ao lado do banco do taxista há a fivela solta do cinto de segurança que também balança. O som da ambulância se maximiza.

15. INT. DIA. CLÍNICA DE FISIOTERAPIA (SALA DE ESPERA)

Sozinha, Clara chega, seu celular está vibrando na bolsa, indicando a hora de tomar o remédio.

Nas cadeiras ao seu redor, algumas mulheres mais velhas.

Clara, estressada, se apressa em andar mancando, até sentar em uma das cadeiras para desligar a vibração e pegar o frasco com comprimidos.

Clara vai até o bebedouro, tentando disfarçar o próprio andado, e pega um copo d'água. Senta-se novamente e suspira, fecha os olhos, em seguida toma o comprimido.

Estende a perna esquerda, para descansar.

Clara olha para o lado e vê um peixe no aquário da sala, nadando ao redor de uma árvore artificial, passando por um buraco dentro dela. Logo o peixe se mistura com os outros, nadando em várias direções sem esbarrar.

Na parte de cima do aquário, a imagem é turva por conta da bomba de oxigênio que faz a água ondular. A bomba faz um barulho fraco de motor.

ATENDENTE

(Ao telefone, fora de quadro)

Não, meu senhor, não posso dizer com certeza se o senhor pode fazer isso, sinto muito... Que tal permanecer em repouso até os resultados dos exames saírem? Não... Isso, não sou a médica, esse é o número da recepção, lembra..? Não...? Os exames saem dia 13, quinta, meu senhor... Isso, pergunte a ela... Boa tarde para o senhor também...

16. EXT. TARDE. PÁTIO DO CONDOMÍNIO DE RODRIGO

Algumas crianças brincam, com RODRIGO (12) no parquinho enquanto Clara e a mãe de Rodrigo, DONA TERESA (40) estão de pé no salão, protegidas do som estridente da brincadeira por um vidro. Dona Teresa se veste bem e parece vaidosa e jovial; está com a chave do carro na mão balançando enquanto fala.

DONA TERESA

(Tagarela, animada)

Só Física, por enquanto. É o que eu tô podendo pagar. E é a matéria que ele mais tem dificuldade, sabe, nas outras ele até que se vira. Só que próximo ano ele já vai ter Física 1 e 2... Se não tá gostando agora, imagina lá como vai ser... Mas a

gente precisa de um histórico bom pra entrar num ensino médio bom, e se Deus quiser com uma bolsa! Aí ele passa no curso que quiser quando chegar a hora da faculdade, né!?

CLARA

(Assentindo devagar)

É sim... Então posso ficar vindo terça e quinta?

DONA TERESA

Isso, era o que a gente tinha combinado.

CLARA

Ótimo. Mas se bem que qualquer dia da semana também daria certo.

DONA TERESA

Você não faz faculdade?

CLARA

Fiz o primeiro semestre de engenharia elétrica, mas saí pra dançar balé. Era difícil fazer as duas coisas.

A Dona Teresa esboça uma expressão de surpresa e interesse súbito.

DONA TERESA

Que chique, balé..! E são duas coisas que não tem nada a ver, né!? Te entendo agora, viver só de arte não tá fácil. Quando eu era adolescente, fazia um cursinho de teatro, mas já tava ruim naquela época, imagina agora!

Clara força um sorriso e assente, depois se apoia na parede de vidro pois a perna incomoda. Rodrigo, que está brincando em cima de um dos parquinhos, cai dali. Ninguém percebe, além dos colegas que estão com ele, e logo Rodrigo se levanta e volta a brincar.

DONA TERESA

(Se despedindo)

Mas boa sorte pra você hoje, com o Rodrigo. Depois mando no zap aquele contato da minha amiga minha que

também tá precisando de reforço em casa, tá? Um beijo!

Dona Teresa coloca a bolsa no ombro e os óculos escuros e chama o menino. Rodrigo sai do parquinho correndo e, ao chegar perto da mãe, mostra a mão arranhada. Dona Teresa dá um beijinho no lado do machucado e se despede, deixando os dois no salão.

DONA TERESA

Pronto meu filho, se comporta viu?
Tchau!

17. INT. DIA. CASA DE DONA VALÉRIA (QUARTO DE CLARA)

O ambiente está cheio de caixas de papelão onde Clara separa e empacota seus objetos pessoais com a ajuda de Débora.

Clara e Débora estão de costas uma para a outra, virando de frente apenas quando precisam passar os objetos entre si. Clara pega suas roupas no guarda-roupas e as dobra.

DÉBORA

Onde eu deixo os livros?

CLARA

(Apontando para a caixa ao lado da cama)

Ali.

Clara observa Débora de costas por um instante antes de se voltar para o guarda-roupa e achar o belo figurino vermelho com pedraria pendurado pelo cabide. Clara se garante de que Débora não está olhando e coloca o figurino na caixa que está mais próxima.

DÉBORA

E essa aqui, tu vai levar também...?

Débora pega uma caixa bem empoeirada que estava debaixo da cama e desencana as abas superiores, revelando muitos CDs antigos, entre eles "Vó Imbolá" do Zeca Baleiro e "Gostoso Demais" de Dominginhos; há também um Discman, postais e envelopes de cartas.

Clara a olha rapidamente e se volta para o guarda-roupa, ficando de costas enquanto mexe nas demais roupas.

CLARA

Isso fica pra Dona Valéria, era as coisas do meu pai.

18. INT. DIA. ESCADA DO PRÉDIO DAS MENINAS

Clara está subindo a escada até o seu novo apartamento, ela leva uma mochila. Clara para depois do primeiro lance para dar passagem para SEU GERALDO (32), o zelador do prédio que carrega um molho de chaves na cintura, e DIOGO (27), o vizinho magrela.

Geraldo leva uma caixa grande, e Diogo, todo suado, leva a bicicleta de Clara, até a porta do apartamento, por onde sai CATARINA (24), uma mulher trans de cabelos curtos. Catarina ajuda a colocar as caixas para dentro. Clara suspira ao voltar a subir a escada, sentindo dor.

Ao chegar ao lado da porta do apartamento, Clara se vira para Seu Geraldo e Diogo que já vão embora pela escada. Percebemos que o vizinho do lado está escutando "Troféu do ano" às alturas.

CLARA

Muito obrigada, viu.

SEU GERALDO

(Limpando o suor na camisa)

Foi nada, menina... Agora é esperar que o elevador fique pronto antes de mais alguém se mudar pra cá.

Seu Geraldo solta uma risada ao sair, Diogo vai com ele e as meninas sorriem em simpatia. Catarina dá espaço para Clara entrar e a observa ao passar, mantendo uma distância confortável.

19. INT. DIA. APARTAMENTO DAS MENINAS (ÁREA COMUM)

A área comum do apartamento é um espaço pequeno onde estão conectadas a sala de estar e a cozinha, uma pequena mesa de quatro lugares fica entre esses dois espaços.

A bicicleta de Clara foi deixada ao lado do sofá, com as rodas viradas para cima.

Catarina prepara uma vitamina de mamão, corta os pedaços da fruta, coloca dentro do liquidificador junto do leite e do açúcar e então bate, causando um barulhão.

Clara está sentada na mesa, mantendo a postura enquanto prende o cabelo num coque apertado. Quando o ruído do liquidificador cessa e evidencia o som da vibração de seu celular. Clara desliga a vibração e pega o frasco do remédio. Ao seu lado o ventilador gira, fazendo um ruído baixo, mas insistente.

CATARINA

(Indo até a mesa e colocando os copos ali)

Parece que cada dia tá mais quente que o anterior, tu tá sentindo?

CLARA

Não sei...

CATARINA

O quarto que tu morava antes tinha ar condicionado?

CLARA

Tinha.

CATARINA

Por isso. Calor de dia é normal já, mas de noite tá um inferno, ontem eu acordei umas três vezes, na terceira fui tomar banho.

CLARA

Ainda bem que não sou tão calorenta assim.

As meninas pausam para experimentar a vitamina de mamão, Clara aproveita para tomar seu comprimido. O ventilador continua fazendo o barulho chato. Clara solta um "hmm", aprovando o sabor da vitamina.

CATARINA

Vamo num aniversário dia 30?

Clara limpa os beiços e hesita em responder ao estranhar a pergunta.

CLARA

Aniversário de quem?

CATARINA

(Gesticulando)

Um amigo meu. Aí parece que a festa dele vai ser uma baladinha numa casa de praia bem chique. Mas como eu sou caloura do curso, não conheço ninguém direito além dele, então bora comigo?

Clara hesita de novo, olhando levemente para cima como se lembrasse de algo.

CLARA

Dia 30 desse mês que vem?

CATARINA

Isso, o desse já passou.

CLARA

Dia 30 eu tenho um espetáculo no Rio Mar.

Clara volta a tomar mais goles da vitamina, como se estivesse faminta e sedenta ao mesmo tempo. Catarina assente devagar, meio debochada e apoia a mão no queixo.

CATARINA

(Sobrancelhas erguidas)

Rio Mar... Você não disse que era do teatro.

Clara interrompe a fala de Catarina com um suspiro, terminando seus goles. Ela se retira da mesa, deixa o copo na pia e sai da sala, falando em quanto anda:

CLARA

É incerto ainda. Qualquer coisa eu te falo, tá? Quem sabe você também não arranja um amigo mais próximo até lá. Você é bem simpática. Até mais.

CATARINA

(Tirando o celular do bolso e tocando a tela)

Tá bom, até...

20. INT. DIA. NOVO QUARTO DE CLARA

Clara está sentada na janela, protegida pela tela de segurança, ao redor dela há seu novo quarto vazio exceto pelas caixas que foram empilhadas por toda a parte.

Do alto, Clara dedilha a tela de proteção, enrolando nos dedos como se dançassem. Em seguida observa os transeuntes que passam pela rua na frente do prédio: um casal de adolescentes voltando da escola, um velhinho fazendo caminhada, um entregador de mercantil em sua bicicleta com reboque. O olhar de Clara fixa demoradamente naquele entregador enquanto ele pedala.

O canto do inhambu-chororó vem de fora, crescente e se mistura a um ruído de motor e ao chiado de rádio.

Clara toca delicadamente o espaço onde a tela de segurança prende no gancho da parede. Ela alterna várias vezes entre puxar a cordinha da tela com um dedo e tentar enrolá-la de volta no gancho.

NARRADOR

É um caldo bem dado. Não dá pra se apoiar em algo para emergir, então o corpo gira em diversas direções. De repente você está caindo por todas elas, no completo escuro. Pela primeira vez essa lembrança me rende um calafrio invés de uma risadinha, pois vendo a grande onda chegar, tive noção do perigo.

21. EXT. FIM DE TARDE. ÔNIBUS

O ruído de rádio dissipa aos poucos, o de motor continua. Agora são mais motores e também as buzinas distantes.

Um ARTISTA DE RUA (19) faz malabares no sinal usando facas flamejantes. Percebemos que Clara o observa de seu assento no ônibus, através da janela. Quando o ônibus volta a andar, Clara fecha os olhos; ela se sente mal com o movimento e cobre os olhos para não olhar o trânsito.

22. INT. NOITE. APARTAMENTO DE RODRIGO

O celular de Clara vibra e ela toma seu remédio para dor, depois bebe um copo d'água rapidamente. Suspira. Ela e Rodrigo estão sentados na mesa da sala; Rodrigo está abrindo seu caderno e seu livro, e vira para Clara, notando com curiosidade a sede dela.

RODRIGO

Mãe disse que você era bailarina.

CLARA

(Seca, evitando o assunto)

Uhum... Você teve tarefa hoje?

RODRIGO

Tive ontem.

CLARA

De quê?

Rodrigo volta a atenção para o livro didático e mostra as páginas de suas atividades. Clara toma um instante para ler, depois pega o caderno dele para ver as respostas.

CLARA

Olha, essa segunda questão é uma pegadinha... A pergunta era "Liste as forças físicas que se apresentam no texto". Você colocou "Gravidade, Atrito e Luz", mas luz não é força.

RODRIGO

Osh, porque não? Tem vezes que tem uma luz fraca e uma luz forte. Tipo luz do trem, se eu olhar muito meus olhos ficam doendo.

CLARA

(Rindo um pouco, apontando pro livro)

Tá... Mas na física, a luz é uma onda eletromagnética. Isso que a gente diz que a luz é forte, na física chama "intensidade" não "força".

RODRIGO

(Tom de brincadeira)

Oh besteira, mesma coisa...

CLARA

Tá querendo saber mais que o livro?

Rodrigo esboça uma careta brincalhona antes de voltar ao livro.

RODRIGO

Então a água é uma força também? Tem ondas nela, né?

Clara coça a têmpora.

CLARA

Você já estudou a parte de ondas?

RODRIGO

(Folheando o livro)

Acho que já...

CLARA

Vamos chegar lá.

23. EXT. NOITE. PONTO DE ÔNIBUS

Clara está em pé, esperando pelo seu ônibus ao lado de diversas pessoas, ela se apoia num dos ferros e joga o peso do corpo para a perna saudável.

O som de trânsito está mais distante.

Um grupo de ciclistas passam pela ciclofaixa ali na frente, lançando as luzes oscilantes de cor vermelha de seus pisca-pisca sobre os corpos de quem estava no ponto. Clara observa os ciclistas passando, um por um, usando roupas coloridas e capacetes.

24. EXT. DIA. CLÍNICA DE FISIOTERAPIA (ESTACIONAMENTO)

Clara sai pelo portão de entrada da clínica segurando os papéis de seu exame numa pasta azul. Atrás de si o trânsito está refletido de forma distorcida nas vidraças da fachada. Clara para ao lado de um pequeno jardim e apoia as costas num corrimão.

Então Clara abre o exame, lê e relê as páginas, até relaxar os braços e fechar os olhos, esticando a cabeça para trás até que inclinasse, esticando a coluna e soltando um suspiro.

25. INT. DIA. APARTAMENTO DAS MENINAS (COZINHA)

Clara e Catarina estão lavando a louça do almoço, Catarina lava e Clara seca, sendo especialmente cuidadosa com as bordas de copos e panelas. O som da torneira ligada é interrompido nos intervalos em que Catarina ensaboia as louças usando a esponja.

CATARINA

... Cidade de interior não é brincadeira... É cada história que você escuta.

CLARA

E tu é de onde?

CATARINA

Jaguaribe.

CLARA

E veio pra cá pra estudar?

CATARINA

Uhum. Você também, né?

CLARA

(Concentrada na louça)

Meu pai era militar, ele precisou mudar de batalhão e a gente veio com ele. Eu era novinha ainda.

Catarina fez uma careta, surpresa e contrariada, sem ser percebida.

CATARINA

Pois o sonho do meu pai era ser militar pra pegar em arma e se amostrar... Se dizer mais brasileiro que os outros, decidir quem vai e quem fica na casa dele, essas coisas.

Clara esbarra um prato contra o outro, sem querer, fazendo um barulho súbito.

CATARINA

Opa!

CLARA

Foi mal... Meu pai era legal, mas ele queria proteger as pessoas de todas as coisas ruins. Mesmo que fosse absurdo.

Catarina mantém a cabeça abaixada e franze o cenho. Clara sente o celular vibrar e faz uma pausa para tomar o remédio para dor; Catarina observa sua ação, mas nada diz.

CLARA

Eu tenho um amigo que faz aniversário dia 30 também. Né um magrinho com barbicha que cursa sociais?

CATARINA

(Abrindo um sorriso interessado)
É o Arthur!

CLARA

Ele é ex da minha amiga do estúdio...
Mundo pequeno né?

CATARINA

(Ligando a torneira novamente)
Né isso! Então você vai poder ir?

CLARA

Vou.

FLASHBACK

26. EXT. NOITE. RUAS DE FORTALEZA

Os galhos de uma grande árvore vistas de baixo para cima. Alguns espaços entre as folhas mostram o céu ainda um pouco Claro. Então uma luz vermelha oscilante é lançada e pisca sobre o tronco e seus galhos. Sua intensidade aumenta, entendemos que essa fonte luminosa vermelha se aproxima.

CATARINA

Você acha que ficou bonito... Pera que tem que apertar mais...

Há o som de passos sobre uma estrutura de alumínio.

CLARA

Mulher, cuidado pra não cair.

CATARINA

Tu que é mole. Eu sou equilibrada...
Gostou?

CLARA

Dá pra mudar de cor né?

FIM DO FLASHBACK

27. INT. NOITE. APARTAMENTO DAS MENINAS (ÁREA COMUM)

Uma luz vermelha oscila sobre o rosto de Catarina, mas só até que ela encaixasse melhor a lâmpada na rosca.

Catarina está em pé sobre uma escada de alumínio enquanto Clara segura firme essa mesma escada com ambas as mãos. Elas olham em direção da luz vermelha.

Clara está segurando seu figurino vermelho e uma sacola entre o braço e o antebraço.

CATARINA

Dá pra mudar sim, olha.

Catarina pega o celular no bolso do short e gira um dimmer virtual, mudando as cores da lâmpada bem rápido, roxo, azul, verde, amarelo, laranja, até voltar para o vermelho.

CATARINA

Todas as cores LGBTQIA+.

CLARA

Arthur vai bem te pedir pra colocar
na festa dele.

CATARINA

Duvido nada.

Catarina muda a cor da lâmpada para branco novamente, desce da escada e se joga no sofá, onde tira os sapatos.

Clara solta a escada e se volta para a mesa, deixando a sacola ali e passando a dobrar o figurino antes de colocar dentro da sacola junto de sua sapatilha e meias.

CATARINA

Faz uma make de balé em mim no dia?
Daquelas bem absolutas?

CLARA

Faço sim! Ei, tô saindo, acho que volto tarde.

CATARINA

Tá com a chave?

CLARA

Tô.

CATARINA

Pois eu vou fazer uma entrevista lá pertinho, acho que a gente se encontra na volta. Tu não disse que a casa da tua madrasta era do lado da Tenente Benévolo?

CLARA

Isso. Pois quando for voltar me avisa pra a gente não voltar sozinha.

CATARINA

Aviso!

CLARA

Até mais.

Clara pega sua bolsa e a sacola cheia e sai do apartamento.

28. INT. NOITE. ESCADA DO PRÉDIO DAS MENINAS

Há um ruído constante de ventilador, até o final.

Clara anda com a sacola e a bolsa até a porta do elevador, onde aciona o botão. Enquanto espera, ela resolve se aproximar do fosso da escada onde a luz automática quebrou. Ela se aproxima da escuridão, força o interruptor e então acena, tentando acionar a lâmpada, mas nada acontece.

O elevador chega, Clara volta até passar pelas portas e sumir quando elas se fecham.

29. INT. NOITE. APARTAMENTO DE RODRIGO

O calor é intenso. Rodrigo coloca um ventilador próximo da mesa onde ele e Clara costumam estudar, depois se aproxima e se senta no lugar de costume. Esse ventilador faz menos barulho, mas provoca muito vento, fazendo os cabelos se moverem bastante.

Sobre a mesa está o material de estudo, um copo d'água vazio e a sacola com os figurinos.

CLARA

Como foi na prova?

Rodrigo esboça um sorriso torto, tira duas folhas grampeadas de sua pasta e dá para Clara.

CLARA

7,75 não é ruim! Pra quê essa cara?

RODRIGO

Eu queria tirar mais.

CLARA

Então vamos ver onde você errou e corrigir, assim você tira mais no próximo bimestre.

RODRIGO

(Resmungando)

Física nunca vai me servir de nada mesmo.

Ouve-se um estalar de lata de alumínio abrindo, uma porta de geladeira se fechando e um pigarreio de homem.

CLARA

(Tentando animar)

Com certeza vai servir pra alguma coisa, em algum momento. Mas não somos videntes!

RODRIGO

Serve só pra eu passar na prova
então.

CLARA

Ou quando você for morar em Marte.

Rodrigo solta um risinho sem graça e deita o tronco sobre a mesa, esperando Clara ler a prova, em silêncio.

O PAI de Rodrigo, 43, um homem meio esguio e pálido, passa por trás da mesa segurando uma latinha de cerveja, e senta no sofá da sala. Liga a TV. Clara olha para ele de relance antes de voltar a atenção para a prova.

Ouvimos, no barulho baixinho da TV, uma entrevista de noticiário sobre uma enchente ocorrida recentemente.

ENTREVISTADO

É... Nem é época de cheia, mas a gente acordou no meio da noite com a água até o joelho sendo que a gente mora aqui a mais de cinco anos e isso nunca aconteceu. Mas estragou foi tudo, ficou tudo sujo. E parece que lá perto do rio foi até pior...

Clara deixa a folha na mesa e aponta para uma das questões.

CLARA

Essa aqui você entendeu por que errou?

Rodrigo ergue o tronco, lê a questão e nega com a cabeça.

CLARA

(Gesticulando)

Era pra você marcar verdadeiro ou falso sobre a Gravidade, mas marcou falso aqui onde diz "a força gravitacional é responsável por manter em órbita os planetas ao redor do sol". O que você achou que fosse, em vez da Gravidade?

RODRIGO

(Sem jeito)

Achei que fosse a força de inércia... Porque a terra fica movendo na órbita.

Clara pega uma folha branca e faz um desenho do sol, da terra e três setas escapando da terra, uma reta em direção ao sol, uma reta em direção ao espaço e uma curva, entre as outras duas. Em seguida seu lápis se move indicando os traços do desenho ao explicar:

CLARA

As forças agem em conjunto. Quando a força de atração do sol é igual a força de inércia, há equilíbrio. Por isso...

RODRIGO

... Não caímos no sol.

CLARA

(Assentindo com a cabeça)

Ou vamos embora pro espaço... Vou te dar mais 25, você lembrou que a inércia também é importante.

Clara vira a prova e risca o 7,75 dele, transformando num 8. Rodrigo começa a rir.

RODRIGO

Mas como a gente sabe que não tá caindo no sol?

CLARA

É bem improvável que aconteça. E ia ficar muito, muito calor também.

RODRIGO

Ah...

Rodrigo deixa o olhar vago e pensa, depois começa a desenhar ao lado do desenho de Clara. O ruído da TV e do ventilador volta a preencher o espaço. Clara se distrai e olha para a TV.

COMENTARISTA

... assim como alguns países que insistem em não participar do Acordo de Paris, e não são países pequenos, são super potências! Essa palavra tem que significar algo, não é? "Potência", não apenas para cuidar da esfera econômica, mas para entender que esses impactos ambientais tem

consequências e são sim da nossa
responsabilidade...

Vemos o desenho de Rodrigo, ele desenhou uma balança que se parece com o esquema improvisado de setas feitas por Clara.

30. INT. NOITE. CASA DE DONA VALÉRIA (SALA)

Débora testa a sapatilha de ponta dando alguns passos em círculo no meio da sala de estar. Ela gira algumas vezes, perfeitamente equilibrada.

Clara está encostada na poltrona, segurando outro copo d'água, observando com carinho Débora ensaiar. Quando Débora se move, o figurino de pedraria vermelho que veste reflete a luz da sala em Clara.

Há bastante silêncio, exceto pela música e as conversas distantes no bar da vizinhança. As estantes da sala estão vazias e faz Clara estranhar.

Dona Valéria se aproxima da sala e de Débora segurando linha e agulha. Ela toma o tecido, observando com minúcia o figurino vermelho e dá alguns pontos para ajustes usando a linha e a agulha.

DONA VALÉRIA

Olha que coisa mais linda, só pra quem recebeu o dom de Deus mesmo... E eu sempre quis saber dançar.

Débora mantém os braços erguidos e sorri em gratidão, de forma inocente.

CLARA

(Interrompendo o assunto)
Tava fazendo faxina sozinha?

DONA VALÉRIA

Quase isso.

CLARA

Por que você não paga alguém pra te ajudar?

Débora solta um gritinho quando a agulha de Dona Valéria a espeta por acidente.

DONA VALÉRIA
Perdão, minha linda. Foi sem querer.

DÉBORA
Não foi nada.

Dona Valéria permanece em silêncio por mais um instante.

DONA VALÉRIA
Às vezes eu não quero ajuda. Se posso
fazer sozinha.

CLARA
Teimosa igual a papai.

DONA VALÉRIA
Como se você também não fosse.

Clara e Débora se entreolham, compartilhando um deboche silencioso.

DONA VALÉRIA
Vive trocando as bolas que nem ele,
que nem esse monte de tralha mofada
que tu podia ter levado em vez dos
figurinos... Mas deu foi logo duas
viagens.

CLARA
Deixa que eu levo dessa vez.

DONA VALÉRIA
Tá lá debaixo da tua cama.

Dona Valéria funga um instante e deixa o montinho de agulhas no canto.

DONA VALÉRIA
(Saindo da sala)
Pera, que eu tenho que tirar o bolo
do forno antes que queime...

Clara observa Dona Valéria se retirar às pressas e depois faz um gesto com a mão na frente do rosto, como se algo fedesse "Já queimou" ela cochicha para Débora. Débora prende o riso.

Clara se aproxima da colega, move seu corpo para observar os reparos no figurino.

DÉBORA

(Com sorriso triste, olhando
para o figurino)
Ai amiga. Eu sinto muito.

CLARA

Ela nem te deu água, você quer água?

Débora olha para o chão e ignora Clara assim como ela também a ignorou. Débora começa a chorar silenciosamente, eleva as mãos ao rosto. Clara tenta retirá-las em vão.

CLARA

Mulher, a gente ensaiou a mesma coisa
bem direitinho, vai dar certo. Para
de ser assim!

Débora solta as mãos do rosto e dá uma risada nervosa conforme limpa as lágrimas apressadamente.

CLARA

Cuida antes que Valerinha te dê um
"bolo" e um versículo da bíblia de
consolo.

Débora continua a rir e abana as lágrimas num gesto cômico como quem diz "deus me livre desse consolo".

DÉBORA

Eu nem sei direito por que tô
chorando...

A luz elétrica começa a falhar na casa e cai. Clara solta um "vish" no quase completo escuro enquanto a música no bar continua a tocar apenas por poucos instantes, até que a energia acabe lá também e a freguesia solte uma vaia insatisfeita.

DONA VALÉRIA

(Da cozinha)

Que droga!

Ouvimos Dona Valéria apressar seus passos e acionar um gerador, logo a energia volta e a luz da sala acende novamente. Dessa vez, fica um zumbido elétrico pairando.

31. EXT. NOITE. CALÇADA/PONTO DE ÔNIBUS

Clara anda até o ponto de ônibus, mancando um pouco ao segurar o peso da caixa. Ela segue o sentido contrário dos carros que

passam pela rua e lançam a luz dos faróis sobre ela. Está tarde e o resto do bairro passa por um apagão.

Clara chega no ponto de ônibus e encontra Catarina sentada em um dos banquinhos, vestindo uma roupa mais neutra e formal que as que costuma usar.

Ao ver Clara se aproximar, Catarina se levanta do banco, deixando Clara sentar e descansar a perna, e então sobe em um dos ferros para se sentar, visto que as outras cadeiras estão ocupadas.

Clara deixa a caixa sobre o seu colo e abre enquanto espera o ônibus chegar.

CLARA

Foi bem na entrevista?

CATARINA

Acho que fui. Preciso ter ido. Se eu não conseguir um trabalho eu vou apodrecer naquele apartamento sem poder viver minha vida.

CLARA

Mesma coisa se conseguir.

CATARINA

(Brincando)

Tu é atormentada mesmo, né! Melhor apodrecer tendo dinheiro...

Clara solta um riso que rapidamente se esgota, ela tateia os objetos da caixa: CDs de música, um Discman, algumas cartas e trecos pequenos. Catarina se interessa em olhar o que tem ali. Então as duas exploram os objetos, os trocando entre si.

CATARINA

E também deve ser bom poder ter pra onde fugir se tudo der merda...

Os olhares delas se cruzam silenciosamente, por um breve momento. Catarina pega o CD da Gal Costa e olha o encarte.

CATARINA

Gosto... É da tua madrasta?

CLARA

(Mexendo nos CDs)

De pai. Tem uns que eu nunca ouvia
ele escutar e outros que ele deixava
repetindo por último.

CATARINA

Por último?

CLARA

Antes dele se matar.

Catarina continua a olhar o encarte com cuidado e depois ajuda Clara a organizar os CDs de volta na caixa. As duas estão cansadas, Catarina se alonga, Clara boceja.

O ponto de ônibus vai vagando. Quando a cadeira ao lado de Clara fica vaga, Catarina senta ali e descansa a cabeça no ombro dela.

Mais um ônibus chega, mais gente vai embora nele.

32. INT. NOITE. BANHEIRO DAS MENINAS

O ralo leva a espuma enquanto a água escorre por ele. Há o ruído do chuveiro apenas, o resto é silêncio.

Clara se lava, produzindo aquela espuma. Ela ensaboia ambas as pernas com cuidado, e quando termina, liga o chuveiro de novo para enxaguar. Dessa vez relaxa a perna esquerda.

33. INT. NOITE. NOVO QUARTO DE CLARA

Clara está dormindo em sua cama, sua pele está suada, ela vira o corpo durante o sono. O ventilador provoca ruído no ambiente e o vento faz vibrar o lençol que a cobre até o peito.

NARRADOR

(Voz menos ruidosa, um pouco
mais presente)

Aquela onda gigante só parou quando
já tinha arrastado os carros, as
placas e os fios de energia até o
Montese e arredores, e o nosso prédio
havia se tornado uma ilha.

Um lado da cama começa a subir, o corpo sonolento de Clara tenta se virar ou agarrar ao lençol, mas gradualmente ela escorrega e cai no chão.

Ouvem-se vários outros objetos caindo pelo apartamento, móveis se batem num estrondo conjunto. Clara coloca o ouvido no chão e escuta estalos abafados.

NARRADOR

Aos olhos dos meus amigos ao redor, aquilo não passava de uma piada sem graça, que antes de ao menos terminar, já tinha arrastado com sua correnteza o "país tropical, abençoado por deus". Mas aos meus olhos, a onda era dos estranhos o mais familiar.

34. INT. DIA. APARTAMENTO DAS MENINAS (ÁREA COMUM)

Clara entra no cômodo. O sol está nascendo e Catarina está sentada no sofá, na sombra entre a janela e a parede e o seu celular ilumina sua expressão de choque. Ao ver Clara, ela se atenta.

CATARINA

Caiu da cama também?

Clara não responde, está sonolenta e confusa. Ela se aproxima de Catarina e senta ao seu lado para ver a tela de seu celular.

As duas veem stories e notícias na internet sobre um suposto buraco negro que havia surgido misteriosamente no espaço próximo à terra. Catarina lê uma das matérias.

CATARINA

"Cientistas tem dificuldade de calcular a massa do buraco negro e até mesmo a distância exata em que ele está posicionado em relação à Terra; com essas informações seria possível saber se estamos ou não inseridos na área que se nomina "horizonte de eventos". Ainda não há expectativas sobre as conclusões finais desse estudo, mas estima-se

que nosso planeta pode sim sofrer as consequências da radiação térmica emitida nessa região misteriosa do espaço, principalmente em países do hemisfério sul do globo, onde já se foram notadas alterações gravitacionais em cidades como João Pessoa, Natal e Fortaleza."

35. EXT. DIA. AEROPORTO DE FORTALEZA

Muito ruído repentino, pessoas anônimas arrastam suas bagagens pelo chão irregular da calçada, vão em direção à entrada.

Vemos sobreposições de reflexos e imagens por conta das paredes de vidro.

No interior do aeroporto, vozes desesperadas se misturam numa bagunça de ecos.

Vemos um guichê feito de vidro, em formato de caixa, onde as pessoas se espremem em duas filas e tentam não se esbarrar. Fora do guichê, mais pessoas andam apressadas.

Vemos Dona Valéria tentando entrar no guichê quando já tem mais três pessoas à sua frente. Ela luta por um lugar na fila até conseguir passar com sua mala.

36. EXT. DIA. TERRAÇO DO PRÉDIO

Clara e Catarina estão zanzando de um lado para o outro tentando conseguir área para usar o celular, até que Catarina desiste e levanta o rosto, procurando algo no céu, mas desiste por causa da claridade.

CLARA

Para, amiga, isso faz mal!

Clara coloca o celular no ouvido, corre para o outro lado do terraço e sobe numa mureta.

CLARA

Dona Teresa, mãe do Rodrigo...? É a Clara-

Clara aperta os olhos ao ter a chamada interrompida. Catarina se aproxima da beira do terraço e olha para baixo, vendo o itinerário apressado dos transeuntes.

CLARA

Alô...? Dona Teresa...? Merda.

CATARINA

É a mulher do reforço? O que rolou?

CLARA

Ela ainda não me pagou. Mas não se preocupa, eu guardei dinheiro.

Catarina foca em pequenos acontecimentos na rua abaixo: uma buzina de moto estridente alerta alguém que é quase colide ao atravessar a rua; uma família se apronta num carro econômico, entupindo o porta-malas, forçando as crianças a entrarem; um garoto vai até um dos sobrados e vê que a campainha não funciona, bate na porta então grita algumas vezes pelo nome "Hellen".

37. EXT. DIA. RUAS DE FORTALEZA

A tarde está mais escura, as ruas do centro da cidade estão vazias; portas se fecham, pessoas somem nas esquinas. Permanecem apenas alguns carros que passam apressados pelos sinais fechados e uivos distantes de cães abandonados.

38. INT. DIA. MERCADINHO

Clara e Catarina estão num corredor de prateleiras selecionando pouco do que restou dos produtos à venda, o que elas acham interessante, colocam na cesta. Além delas, há um setor todo vazio e a luz do fundo do corredor oscila.

Algumas pessoas passam correndo pelo corredor como vultos e saem da loja.

Catarina está paralisada olhando para duas embalagens diferentes de cereal. O celular de Clara vibra baixinho e ela deixa a cesta no chão para pegar a bolsa e rapidamente engolir seu comprimido como num gesto coreografado.

As duas garotas seguem até o caixa, mas não tem ninguém lá para atender, a cadeira do atendente está vazia. A porta do mercadinho está aberta, as câmeras de segurança estão fora do ar.

Catarina e Clara se entreolham e voltam para o interior do mercadinho. Clara pega um carrinho e enche com as garrafas de bebida alcóolica, carne congelada e batata frita que restam em cada prateleira, Catarina a segue, mas está sem ação.

CLARA

Anda. Pega tudo que você quiser.

CATARINA

Tá brincando?

CLARA

(Debochada)

Sim. Se chama pega-bandeira do júizo final.

Catarina pisca os olhos antes de voltar correndo pelo corredor. Ela chega até o setor de frutas e pega todos os mamões que consegue segurar.

39. EXT. DIA. ESTACIONAMENTO DO CONDOMÍNIO

Clara e Catarina estão sentadas no chão ao lado do jardim e comem coxinhas, tomam suco de laranja integral. O carrinho de mercado está cheio de comida, parado ao lado delas. Clara está concentrada em matar sua sede com o suco, Catarina olha para o céu.

CATARINA

Hoje é feriado né... Eu odeio feriado. Quer dizer, agora eu gosto mais, antes era que eu odiava ficar em sem meus colegas, porque todo mundo ia pra sua casinha. Mas a gente ia pra casa de vô. Eu ficava agoniada achando que ia morrer no carro de painho, quando ele voltava de lá.

Clara escuta.

CATARINA

Sabe aquela coisa assustadora, quando não é você que tá dirigindo, tá lá de boa e do nada leva uma freada?

Clara assente com a boca cheia, ainda mastigando e depois sorri, vendo Catarina imitar a freada, jogando o corpo para frente e soltando um gritinho.

CLARA

(De boca cheia)

Você sabe dirigir?

CATARINA

Por que? Você quer que eu roube um carro? Louca.

Clara ri e nega várias vezes com a cabeça enquanto come. Catarina dá mais uma mordida na coxinha, mastiga e engole.

CATARINA

Por que tá todo mundo indo embora?

Clara engole e limpa a garganta.

CLARA

Espalharam na rádio que ia ter um tsunami por causa do buraco negro, aí todo mundo se desesperou.

Catarina para de mastigar.

CATARINA

(De boca cheia, meio brava)

Então por que a gente não tá fugindo também?

CLARA

Porque é mentira, não vai ter tsunami nenhum. Inventaram tanta coisa já; e o foda é que não tem mais como checar se é verdade ou mentira.

CATARINA

E o que vai ter de verdade?

Clara termina de comer, limpa a boca e as mãos e se levanta. Era pretexto para pensar numa resposta.

CLARA

O aniversário do Arthur. Bora?

Clara dá a volta no carrinho do mercado e começa a empurrar, levando para o lado do elevador. Catarina paralisa e hesita em levantar, mas seu riso de nervoso vence.

O riso de Catarina começa como um deboche e ela pega seu celular, tentando se concentrar em algo para se controlar. Mas após alguns cliques na tela, não há notificações novas para clicar, ela se entedia e guarda o celular.

O riso nervoso de Catarina volta e se eleva. Clara cansa de esperar e leva as compras para dentro do hall do elevador. Catarina não consegue parar de rir e acaba se jogando na grama atrás de si, onde se contorce até conseguir parar.

Deitada, ela olha para cima e vê as cores do céu dobrando para dentro de uma região completamente escura e sem profundidade.

40. INT. NOITE. APARTAMENTO DAS MENINAS (ÁREA COMUM)

A cozinha está cheia de sacolas com comida e Catarina e Clara arrumam o ambiente, colocando cada coisa em seu lugar, até que a geladeira e armários estivessem cheios.

Enquanto isso, toca num volume alto a playlist de pagode no sonzinho sem fio conectado ao celular de Catarina. Uma música chega no fim e começa "Velocidade da Luz" do Grupo Revelação.

Catarina começa a cantar junto da música, dançando um pouquinho enquanto corta o mamão.

Clara sai da cozinha e senta na mesa para tomar uma taça de vinho.

CATARINA

(Cantando)

"Te dei carinho amor
Em troca ganhei ingratidão
Não sei porquê, mas acho
Que é falta de compreensão
Você me tem como réu
O culpado e o ladrão"

Ao cantar a palavra "ladrão", Catarina finge uma cara de brava e aponta para o vinho de Clara. Clara levanta a taça e ri do jeito de Catarina, depois balança o tronco de um lado para o outro, dançando um pouquinho.

CATARINA

"Por tentar ganhar seu coração
 Todo mundo erra
 Todo mundo erra sempre
 Todo mundo vai errar
 Não sei porquê meu Deus
 Sozinho eu vivo a penar
 Não tenho nada a pedir
 Também não tenho nada a dar
 Por isso é que eu vou me mandar
 Vou me embora agora
 Vou me embora agora
 Vou embora pra outro planeta
 Na velocidade da luz
 Ou quem sabe de um cometa
 Eu vou solitário e frio
 Onde a morte me aqueça
 Talvez assim de uma vez
 Para sempre eu lhe esqueça"

Catarina termina de juntar os ingredientes da vitamina de mamão e coloca tudo no liquidificador. Ela liga o liquidificador, fazendo um barulho que se junta ao volume da música. Mesmo assim, Catarina continua arriscando passinhos de pagode.

De repente a luz cai e o liquidificador para, contudo, por ser um aparelho sem fio, o som onde a música toca continua ligado.

Clara levanta da mesa e abre a porta do apartamento, percebendo no hall do elevador que a energia caiu em todo o prédio.

41. INT. NOITE. APARTAMENTO DAS MENINAS

Clara dorme com o colchão colocado no chão, usa roupas leves e curtas, e está esticada, formando uma pose elegante com seu corpo. Está bastante suada, mas dorme pacificamente.

Catarina dorme em seu quarto, encolhida. O copo de vitamina de mamão está vazio sobre o criado mudo. Ela também usa roupas leves e dorme no chão, mas sua respiração está intensa. Ela sonha.

O som de uma sirene de ambulância surge na distância e se aproxima suavemente até vermos sua luzes vermelhas atravessando o ambiente do quarto de Catarina, projetando a forma da janela pelas paredes. Mas ela não acorda com o barulho da sirene.

Clara acorda.

42. EXT. NOITE. RUAS DE FORTALEZA.

Catarina pedala na bicicleta de Clara, levando ela em cima do quadro. Clara está ouvindo música usando o Discman de seu pai. Elas passam pelas ruas vazias até acharem um uma caixa com reboque abandonada entre o lixo.

Catarina para a bicicleta e, com a ajuda de Clara, elas montam o reboque na traseira da bicicleta.

Catarina volta a pedalar, desta vez Clara vai sentada no reboque.

Elas passam por alguns panfletos pregados na parede. Um deles tem o desenho de uma ambulância e diz: "AINDA ESTAMOS AQUI. PRECISANDO DE AJUDA VÁ OU MANDE UM ESCRITO PARA O CEP X, ENDEREÇO RUA PE. VALDEVINO Nº X, CENTRO."

O outro panfleto diz: "ANIVERSÁRIO DO ARTHUR. ARTHUR CONVIDA AMIGOS E COMPLETOS DESCONHECIDOS PARA SUA FESTA. DIA 30, ÀS 19H, AV. CLOVIS ARRAES MAIA Nº X, PRAIA DO FUTURO."

Catarina e Clara passam pela praça do Ferreira. O relógio da praça indica que são 11:00 da manhã, mesmo o dia estando escuro.

43. EXT. DIA. CASA DE DONA VALÉRIA (JARDIM)

O sol está nascendo fora de seu horário habitual e o céu ainda está um pouco escuro.

As meninas passam por uma falha na cerca elétrica do muro e chegam ao grande jardim abandonado da casa.

Clara se apressa em entrar na casa enquanto Catarina fica frescando perto do mato alto e da piscina suja. Ela tira o óculos de sol do bolso e se deita na espreguiçadeira. Relaxa.

Catarina acende um cigarro imaginário.

44. INT. DIA. CASA DE DONA VALÉRIA (COZINHA)

A cozinha está suja, os armários tem as portas abertas e estão bagunçados por dentro. Clara entra na dispensa e sai de lá com uma bateria grande e um transformador, deixa no balcão. Ela separa vários fios, também no balcão.

O último dos fios está colado à parede. Clara empurra os móveis e começa a arrancar esse fio, com força e cuidado. O fio a leva até a janela.

Clara abre a janela com uma certa dificuldade e pega o painel solar pequeno que ficava do lado de fora e estava conectado ao fio da parede. Ela separa tudo no mesmo lugar, apressada.

45. EXT. DIA. RUAS DE FORTALEZA.

Clara e Catarina voltam para casa. As coisas roubadas da casa de Dona Valéria estão amarradas no reboque da bicicleta e balançam de forma ruidosa quando a bicicleta passa em partes irregulares da rua.

Na caixa do reboque há o painel solar pequeno, muitos fios, baterias, carregadores portáteis, uma caixa de ferramentas e um sonzinho antigo dos anos 90.

46. INT. DIA. PRÉDIO DAS MENINAS (ESCADAS/TERRAÇO)

Catarina sobe as escadas do prédio correndo, ela leva o painel de energia solar e o longo fio até o terraço.

Catarina chega no terraço e nota que o sol já está se pondo novamente. Se estressa. Coloca o painel solar num canto, onde ainda havia sol e vai até a beirada do terraço.

CATARINA

(Gritando)

Posso ligar?!

CLARA

(Distante)

Pode, liga logo!

Catarina se apressa, liga o fio no painel e ouvimos o zumbido da energia que chega à placa. Catarina está preocupada e confusa, olha o relógio em seu pulso, e vê que ainda são duas da tarde.

Catarina olha para o horizonte e percebe esse mesmo horizonte distorcido ao redor do buraco negro que agora está bem maior e espelha a terra em sua borda.

FLASHBACK

47. EXT. NOITE. RUAS DE FORTALEZA

O zumbido de energia continua. Ouvimos sons de plástico e de aparelhos eletrônicos sendo manuseados, uma tomada onde algo é ligado.

Ouvimos uma tampa de plástico sendo selada e então alguns botões sendo apertados. "Boi de Haxixe" começa a tocar, na versão de Ceumar, saindo do "sonzinho" dos anos 90.

"Quando piso em flores
 Flores de todas as cores
 Vermelho-sangue
 Verde-oliva, azul-celestial
 Me dá vontade de voar sobre o planeta
 Sem ter medo da careta na cara do
 temporal
 Desembainho a minha espada cintilante
 Cravejada de brilhantes
 Peixe-espada, vou pro mar
 O amor me veste com o terno da beleza
 E o salum da natureza
 Abre as portas pra eu dançar"

Os galhos de uma grande árvore vistos de baixo para cima. Alguns espaços entre as folhas mostram o céu ainda um pouco claro. Então uma luz vermelha oscilante é lançada e pisca sobre o tronco e seus galhos. Sua intensidade aumenta, entendemos que essa fonte luminosa vermelha se aproxima.

Vemos de perto a luz vermelha piscar no rosto de Clara, que está apoiada contra o tronco, olhando para cima. Clara está suada, seu cabelo cola à testa, ela respira com dificuldade, vemos o brilho distorcido do aro da bicicleta em cima de seu colo.

As pernas agitadas das outras pessoas que passam em volta de Clara. Alguém pega a bicicleta e tira de cima de Clara, roubando sua atenção.

FIM DO FLASHBACK

48. INT. NOITE. APARTAMENTO DAS MENINAS (ÁREA COMUM)

Clara tira o celular do carregador portátil e liga a lanterna, vemos o ventilador ao lado girar na potência máxima, conectado à bateria da energia solar.

Os dois colchões agora estão no chão da sala. Sobre eles estão as bolsas de maquiagem de Clara, várias garrafinhas d'água vazias e mais bagunça de fios e livros. O sonzinho também está ali perto tocando "Boi de Haxixe":

"Diz o que tu quer, eu dou
Se tu quer que eu vá, eu vou
Meu bem, meu bem-me-quer
Te dou meu pé, meu não
Um céu cheio de estrelas
Feitas com caneta bic num papel de
pão"

Clara maquia Catarina. Catarina segura o celular de Clara como lanterna para que ela veja os traços que o pincel de maquiagem produzem em seu rosto, são traços e contornos mais fortes. Vez por outra Catarina muda o foco de luz, para a bolsa de maquiagem, para o demaquilante, para a paleta de cores.

Ao terminar, Clara pausa para tomar o último comprimido para dor.

49. EXT. NOITE/DIA. RUAS DA PRAIA DO FUTURO

Catarina dirige a bicicleta enquanto Clara vai sentada no quadro. Ambas estão muito bonitas e bem maquiadas, o vento balança o cabelo delas.

Elas continuam pedalando até chegar mais perto da praia onde vemos o sol nascendo no horizonte distorcido, e se pondo novamente, em questão de instantes.

O canto do inhambu-chororó reaparece enquanto elas se aproximam da casa de praia.

50. EXT. NOITE. CASA DE PRAIA (JARDIM)

Há um grande jardim onde luzes coloridas piscam sobre a grama e a folhagem escura de arbustos, árvores e coqueiros. Há uma porção de pessoas juntas numa parte do jardim, elas dançam usando roupas curtas ou de banho. Toca música eletrônica e house, e se escuta burburinho de conversas.

Clara vai até uma parte mais calma do jardim onde há um grande gerador de energia e deixa a bicicleta ao lado dele.

Catarina entra nesse ambiente e encontra ARTHUR (25 anos), um jovem negro, magrelo e de barbicha que vem fumando um cigarro. Ele sorri, tira o cigarro da boca e abraça fortemente Catarina. Quando eles desfazem o abraço ele oferece o cigarro para Catarina, ela aceita e traga uma vez.

NARRADOR

(Voz cada vez mais limpa dos
ruídos até se tornar
presente e próxima)

Aos olhos das outras pessoas, éramos todos loucos por não termos fugido na espaçonave branca feita de shoppings e esperanças covardes. Mas, na verdade, nós amávamos tudo que nos tinha restado, mesmo isso sendo apenas o grito fantasma da rasga mortalha e a linha do horizonte de um mar escurecido. Amávamos a nossa terra firme.

51. INT. NOITE. CASA DE PRAIA (SALA)

Arthur, Clara e Catarina estão sentados em uma mesa, bebendo com outras pessoas da festa; no meio da mesa há o bolo de aniversário decorado com algumas velas em cima. Há burburinho ao redor.

Arthur está segurando uma folha de caderno, como se tivesse terminado de ler algo, percebemos que ele era o narrador e estava lendo seu texto para Clara.

Clara está um pouco bêbada ao seu lado, ela fecha os olhos e assente, aprovando o texto. Então Arthur dobra o papel e queima nas velas que decoram o bolo.

Enquanto isso acontece, vemos algumas pessoas ligarem um projetor na parede atrás da mesa. Então a música que se ouvia de fora, invade a casa quando o karaokê começa a funcionar.

LAÍS, 23, pega o microfone.

LAÍS

(Bêbada, usando o microfone)

Quem aqui canta?!

Ouvimos gritinhos e burburinhos. Começa a tocar o instrumental da música "Tentativas em vão" na versão de Garota Safada. Catarina se levanta da mesa e vai até lá.

LAÍS

Pois o resto vai dançar porque a estrela hoje sou eu!

Laís começa a cantar a música. Clara decide se levantar e vai até a massa de pessoas que se aglomeravam ao lado do karaokê. Ela dança com as pessoas que estão ali, igualmente bêbadas, trocando de parceiro sempre que sente vontade. Seu corpo gira e ela apoia o peso na perna saudável enquanto a outra fica, por vezes esticada, por vezes levantada.

Catarina chega perto de Laís e as duas compartilham o microfone e cantam eufóricas.

"Se eu soubesse o que fazer pra tirar
 você da minha cabeça
 Um lado diz que quer ficar com você o
 outro diz esqueça
 Se eu soubesse o que fazer pra tirar
 você da minha cabeça
 Um lado diz que quer ficar com você o
 outro diz esqueça
 Mas acontece que o meu coração não é
 de papel
 E a chuva molha e as palavras se
 apagam
 A minha mente gira feito um carrossel
 Tentando buscar a saída
 Pra tirar você da minha vida
 Tentativas em vão tentar tirar você
 do coração

E como vou viver sem respirar
É como querer apagar a chama de um
vulcão
Tentativas em vão tentar tirar você
do coração
E como vou viver sem respirar
É como querer apagar a chama de um
vulcão"

52. EXT. DIA. CASA DE PRAIA (JARDIM)

O gerador solta fumaça, sob a luz do sol que está ainda mais intensa. Há um zumbido muito intenso que vem de todos os lados.

Catarina vomita entre dois arbustos de flores e Clara está agachada ao seu lado segurando seu cabelo para trás. Catarina tosse, expelindo o vômito até perceber que os sons que produz não estão em sincronia com a própria audição.

CATARINA

Tu tá ouvindo isso também?

CLARA

O que?

Clara percebe a própria voz vir com atraso após seu gesto de fala, assim, Catarina solta um grito e depois ri de nervoso. Tudo sai dessincronizado.

Clara e Catarina cambaleiam e se movem em círculos, olhando para cima, testando as próprias vozes em partes diferentes do jardim.

A distorção, como um rastro escuro, alcança seus corpos e rostos e dissolve gradualmente as suas estruturas. Enquanto isso, suas vozes e sons de seus corpos continuam sendo escutados mesmo quando elas paralisam na imagem.

FIM

Aviso legal: a cessão de autorização e de direitos autorais para utilização de cada música citada direta ou indiretamente neste roteiro será negociada em momento oportuno, sendo assim mantido o uso gratuito das obras para fins estritamente acadêmicos e não-comerciais.

APÊNDICE II - A CARTA DE CLARA

Trabalho apresentado na disciplina de Existencialismo do curso de Filosofia da UFC, ministrada pelo Professor Emanuel Nunes. Em sua escrita, eu trago o ponto de vista da personagem ficcional Clara, protagonista de *Desórbita* – trata-se de uma imersão no seu estado psicológico – para consumir a criação do drama dessa personagem. Sua escrita foi afetada pelas questões trazidas por Camus e estudadas em sala de aula; e também anuncia previamente a escrita do roteiro audiovisual por meio da escrita literária, como um prelúdio.

Carta de Clara, Sobre um Filme

*Me dá vontade
De voar pelo planeta
Sem ter medo de careta
Na cara do temporal³*

Olá papai.

São oito da noite e acabo de me mudar para o apartamento de uma estudante, uma jovem da minha idade que se chama Catarina. Mal a conheço, a vi apenas uma vez durante a primeira visita do imóvel e agora espero até ela voltar do supermercado para que possamos organizar nosso espaço. Será que isso importa para os fatos que estou prestes a discorrer? Há quem diga que eu esteja divagando para fugir novamente do problema que me atormenta, o mesmo problema que me pôs a escrever. Veja, esta é a primeira vez que escrevo algo por necessidade depois de ter saído da escola, então acho que o momento de agora também importa, assim como os que vieram antes, assim como esses em específico, ao quais penso a todo tempo. Eu nunca me senti lá uma boa redatora durante o vestibular, muito menos durante meus primeiros meses de faculdade; eu sabia que ia deixar aquilo de lado para poder me dedicar ao balé, algo que eu conhecia, treinava desde criança e que começou a gerar doces frutos em minha vida.

Acho que você nos mudou do interior para cá pensando que nós dois íamos poder encontrar um rumo melhor nas nossas vidas, e de fato aconteceu, me tornei uma garota que vive com conforto por conta de seu privilégio. Durante minha vida na capital, habitei os bairros da classe alta, escolas bem equipadas, pois o seu salário de militar era mais que suficiente para prover tudo isso. Conheci pessoas importantes dentro da dança e de repente meu talento pôde me levar a vários lugares do Brasil, convivi com pessoas

³ ZECA BALEIRO. Boi de Haxixe. MZA: 1999.

também talentosas, dancei belas peças, ganhei aplausos e reconhecimento, apesar das falhas que pudesse ter cometido aqui e ali. Eu as contornava com movimentos extras e mais alguns sorrisos. O mundo que eu desejei conhecer se desdobrava sob minhas mãos (cuidadosamente guiadas). Logo, o palco se tornou meu refúgio depois que você faleceu de uma doença no sangue; e eu ainda tinha dezessete anos. É claro que o trabalho não deixou de ser árduo como sempre foi; havia dias em que me encontrava à beira da exaustão, me entregando ao sono onde quer que me encostasse. Mas continuar a suceder na dança tornava meu sofrimento agridoce, entorpecia o meu pesar e fazia parecer que a balança de minha vida estava sempre equilibrada de alguma maneira. A madrasta sempre dizia “Deus é justo e sabe o que faz” quando a gente falava sobre você. Ela dizia que sua missão era me fazer o bem, mostrar-me o caminho e por isso tinha partido cedo. Disse “ele finalmente descansou” quando você morreu.

Logo fiz vinte e quatro anos e me deparei sendo o centro de um grande espetáculo em Belo Horizonte, naquele breve momento em que as luzes do palco se deitavam sobre meu corpo brilhante, em que o público sentia orgulho de mim e as memórias doces da infância me retornavam frescas à visão; naquele breve instante me senti reconfortada pelas palavras da minha madrasta e realmente acreditei nelas.

Contudo, hoje estou um pouco mais velha, tenho vinte e sete, minhas coisas mais preciosas estão metidas em caixas de papelão velhas, as mechas loiras no meu cabelo ressecam como nunca antes e minha perna dói toda vez que a apoio no chão. Tenho dificuldade em contar o que exatamente aconteceu no dia, ou mais precisamente no instante em que me acidentei; costumo dizer que nada de especial aconteceu e as pessoas se chocam: todos parecem esperar uma grande dramatização sobre como um carro esmagou os ligamentos do meu joelho, ou o que quer que fosse que o mantinha se movendo direito, na verdade até costumo esquecer o nome exato da coisa que se quebrou dentro de mim, mas de que importa. Está quebrado e é irreversível tal qual qualquer destroço que o tempo produza nos muros abandonados de Fortaleza, nas rugas da solitária Valeria, a madrasta. Está por toda parte e agora eu vejo: as virgindades da mente que vão embora para nunca mais voltar, seguindo o sopro do vento que nunca é o mesmo depois de nos tocar pela primeira vez. Está em toda parte como o próprio ar, entretanto ninguém parece me entender. Esperam que eu dê nome a tudo, diga o que senti antes do momento do acidente, se vi algum presságio, algum sinal que algo estava prestes a mudar drasticamente. As pessoas buscam encontrar sentido no meu acidente, ainda mais que eu mesma, entre elas uma de minhas colegas mais estimadas que irá me substituir num espetáculo esse mês, a Débora. Ela chorou muito ao saber de minha mazela, como se eu tivesse morrido. Minhas tias do interior também inundaram o chat da família com esses mesmos questionamentos sobre o destino. Apenas Dona Valéria, a madrasta, que continua seu sermão conformado.

No entanto, dessa vez suas palavras falham em me confortar. Assim como as palavras das colegas do balé e das poucas amigas da escola que ainda mantêm contato. Me querem positiva a respeito da minha própria vida e é por isso que sorriem e me dizem para ter esperança, “talvez algo incrível esteja para acontecer”. Dessa vez a balança de minha vida está torta e isso assusta quem me conhece, e também me assusta quando sinto os olhares especulativos, inspecionadores, me sinto invadida por eles. Aparentemente, sou nova demais para ser invalidada, sou nova demais para me encher de remédios, sou nova demais para ter chegado tão perto da morte; entretanto nada no mundo impediu que essas fossem minhas vivências. Enquanto ainda à flor da pele e machucada, me senti como numa nave de fuga, ejetada no meio do espaço, pairando entre planetas e nunca aterrissando de fato. Me senti assim talvez por tempo demais, assim devo ter afastado de mim alguns dos melhores amigos e, em seguida, todas as minhas escolhas cotidianas tomaram o gosto amargo do “tanto faz”. “Tanto faz se levanto da cama”. “Tanto faz se celebro no fim de semana”. “Tanto faz se apareci no jornal”. “Tanto faz se morro amanhã e apareço no jornal de novo por causa disso”. “Tanto faz”. Já que não havia nada que de fato garantisse que minhas ações tivessem boas consequências. Não era por falta de vontade, afinal eu queria ser feliz, no entanto, por me ver aprisionada num corpo que não mais se movia como o que eu pensava ser o meu, achava isso impossível. A rotina que ditava a continuidade dos meus dias havia sido abruptamente atravessada pelo encontro do meu frágil corpo com a dura superfície de um automóvel qualquer, tal qual as coisas sólidas que podem atravessar a imagem dos fantasmas nos filmes de terror.

Nas primeiras semanas depois do acidente, quando me dava por conta do próprio, me entregava ao desespero. Vivi trancada em meu quarto, rolando as páginas infinitas das redes sociais em meu celular, bebi pouca água, comi pouca comida, entretanto, apesar do estado ruim de saúde em que me encontrava, não pude perder a vaidade de estar sempre bem vestida e com o cabelo bem preso. Se eu tivesse morrido em um daqueles momentos, ainda iria querer que me vissem bela e jovem: um pensamento como este vinha como quem não quer nada e me colocava na frente da morte novamente. Afinal, o que de fato adianta um corpo belo, mas inanimado e prestes a se decompor sob o solo? O sonho de encontrar a justiça e a beleza da vida nos espetáculos e na dança começou a soar cada vez mais como um pensamento infantil perante a visão que eu tinha da cidade pela minha janela. Havia se tornado a imagem de um grande mar de ondas revoltas que quebravam a todo instante – pessoas se esbarrando, mais acidentes, doenças pelo ar, violência nas esquinas e almas inocentes que trilhariam caminhos ao flagelo sem ao menos notar. As forças da natureza e as forças da física agindo juntas, às vezes conosco, às vezes contra nós.

Parte de ser bailarina consistia em atingir a perfeição de movimentos, ir contra a gravidade que sempre tenta nos fazer cair da ponta de gesso; girar, saltar, tornar tudo aquilo esplêndido para quem vê, mesmo com as bolhas e inchaços sob as sapatilhas

apertadas. Eu sabia como ninguém – parte da minha trajetória era marcada pelo cansaço, pela possibilidade de não suceder e mesmo assim o cotidiano se seguia. Não parecia uma revolta, mas era, pois não havia satisfação em ser qualquer outra coisa em minha vida. Então, no meu cotidiano pós balé, apenas não havia a satisfação em morrer. Com o tempo a minha lista de insatisfações cresceria até que houvesse novamente a ambição por ser um corpo em movimento.

Apesar da cortina fechada que ocultava as horas do dia, o tempo continuava a existir e eu o notava pelos relógios nas telas frias e digitais que iluminavam a penumbra do quarto. Muitas vezes esperei que Dona Valéria batesse na minha porta em busca de notícias minhas, mas isso não costumava acontecer, exceto quando ela tinha notícias sobre si mesma. “Vou para a loja”, “volto só amanhã”, “deixei comida no congelador”. É claro que ela não tinha o dever de ser minha mãe e nunca teve, mas eu não precisava de mais uma indiferença operando sobre mim. Mesmo quando ela se importava ao me acompanhar nas consultas e sessões de fisioterapia, sua presença nunca seria confortável como a sua, papai, principalmente em momentos como aquele. Ela talvez nunca representasse uma mudança, na verdade, ficar ao lado dela me fazia vislumbrar um futuro em que sua pensão bastaria e a estabilidade dos dias seria suficiente para minimizar a dor que aconteceu, e as que continuavam acontecendo. Era um futuro em que minha saudade por você seria deletada. Assim, a sala de espera da clínica e a casa da família se tornaram em minha impressão, o mesmo lugar. Quando melhorei de minha perna ao ponto de não precisar de muletas, fiz questão de ir embora dali.

Não pude julgar Dona Valéria pelas suas visões do nosso mundo, afinal ela travava sua própria batalha; apenas decidi que seus cuidados não eram mais coerentes, para mim não era cuidado de fato. Então parei para pensar sobre como continuaria minha vida sozinha. Resgatei minhas outras habilidades e recordei da escola mais uma vez para então lembrar da minha facilidade com números e matérias exatas, como matemática e física. De fato, nunca fui uma boa redatora, mas para mim era satisfatório ver as leis universais e os números dando sentido às coisas, ordenando o universo; a nostalgia que essas memórias da escolas tinham, agora chegaram de mãos dadas à sensação de ironia. Percebi que ainda havia um universo que invadia o campo organizado da lógica, o mesmo que permitia que a angústia me colocasse de cama e adoecesse a minha mente, como faz um corpo estranho em seu hospedeiro. Alguma coisa ainda precisava ser feita, mesmo com a sensação de que toda a interpretação e organização do mundo poderia se tornar insuficiente em certo ponto. Desse modo, me tornei professora de reforço das matérias exatas. Comecei com três alunos, dando aulas semanais em suas casas, guardei o dinheiro que recebia por mais um tempo, junto ao que eu já tinha, até que fosse o suficiente para me permitir mudar de lar.

Desse modo, eu chego novamente ao agora. Trouxe comigo os seus CDs antigos, um deles está tocando no seu sonzinho e os versos de “Boi de Haxixe” percorrem a sala

escura e cheia de caixas. Lá fora, pela janela larga com vidros de correr, vejo uma parte da periferia da cidade e as pequenas luzes dos postes distantes se unem à luz das poucas estrelas reveladas no escuro da jovem noite. Me sinto tranquila e feliz, apesar de ainda insatisfeita como sempre estarei, com o tempo deslizando como água entre os dedos. Quando tomo banho é o que imagino: o ralo do box escuro e grotesco, por onde saem sons desagradáveis, é o limiar final entre o universo do banheiro e o universo do esgoto, para onde a água desliza e eu não posso entrar. As cavernas escuras entre as estrelas da cidade e do céu, para mim são como ralos por onde o tempo também passa. Buracos negros escondidos da nossa percepção.

Buracos negros não se importam com as leis da física ou com os números que fizemos para lidar com o universo. Não se importam com os dicionários humanos ou quantos estudos se esforçam sem precedentes para especular o que há no outro lado. Não se importam quantos amantes ou crentes os temem, ou se o tempo deixará de fazer sentido quando formos passar por um deles. O tempo durante o velório do meu pai não fez sentido algum, pois pareceu uma eternidade até que movessem seu caixão da igreja até seu túmulo. O tempo também não fez sentido quando passou e acabou tão rápido enquanto eu performava e girava sobre um palco, ao lado de outros bailarinos. Tampouco o tempo medido e frio que Dona Valéria me falava conforme esperávamos pelas consultas na fisioterapia.

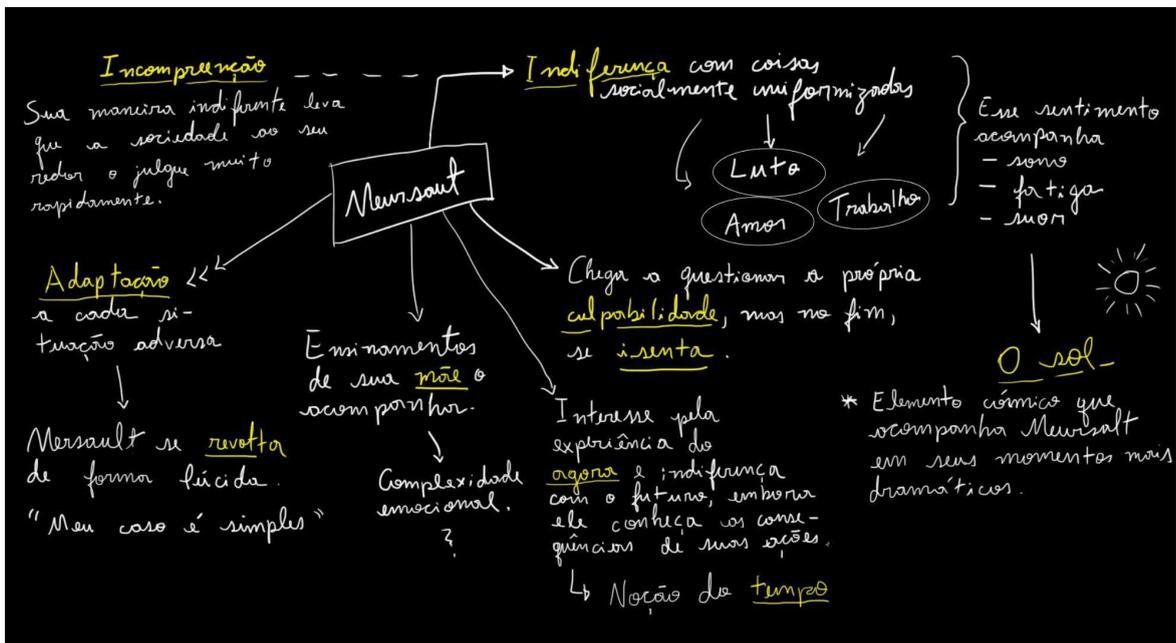
Se eu de fato de fato sou uma nave à deriva no espaço, enfrentando meus primeiros buracos negros, então tentarei fabricar o meu próprio tempo, ainda que eu nunca seja dona dele no final das contas. E até que, assim como você, eu cruze a última e a maior das singularidades.

Feliz e com amor, Clara.

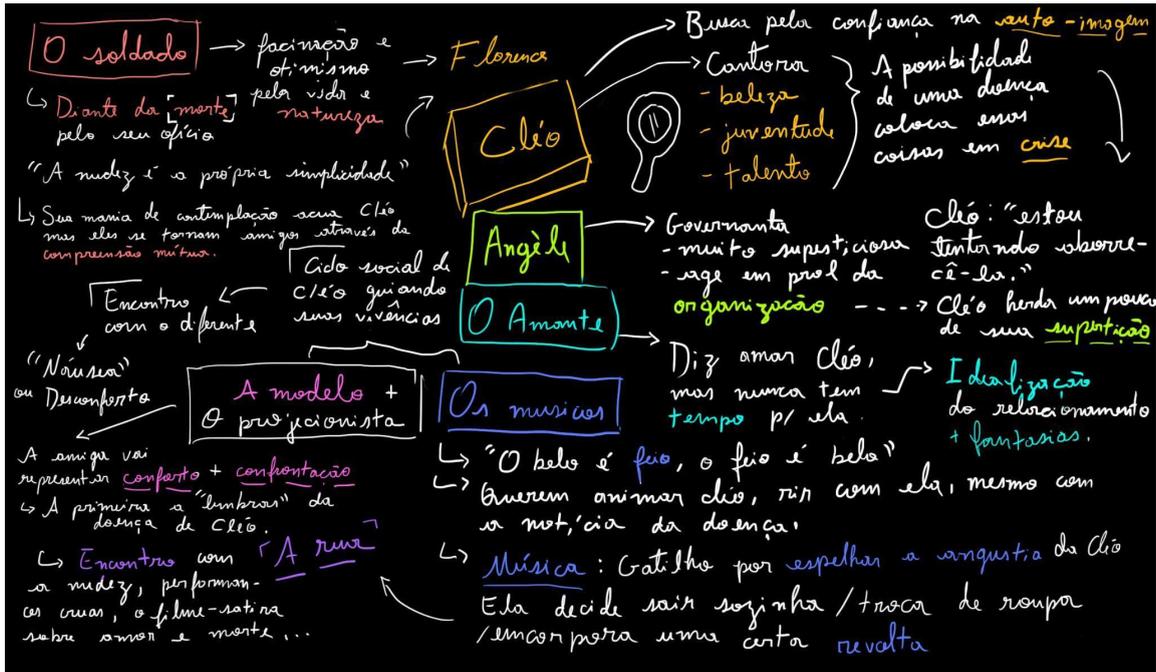
APÊNDICE III - MAPAS MENTAIS

Para o estudo dos personagens em *Desórbita*, utilizei o esboço de mapas mentais para visualizar elementos narrativos importantes que me guiassem através do processo de criação do roteiro. Escolhi Meursault, personagem de *O Estrangeiro*, para iniciar uma análise de personagens já existentes em narrativas que me inspiravam. Em seguida, adotei o mesmo método de mapas mentais para analisar os encontros da personagem Cléo, de *Cléo, de 5 às 7*.

Estudo do personagem Meursault em *O Estrangeiro*:

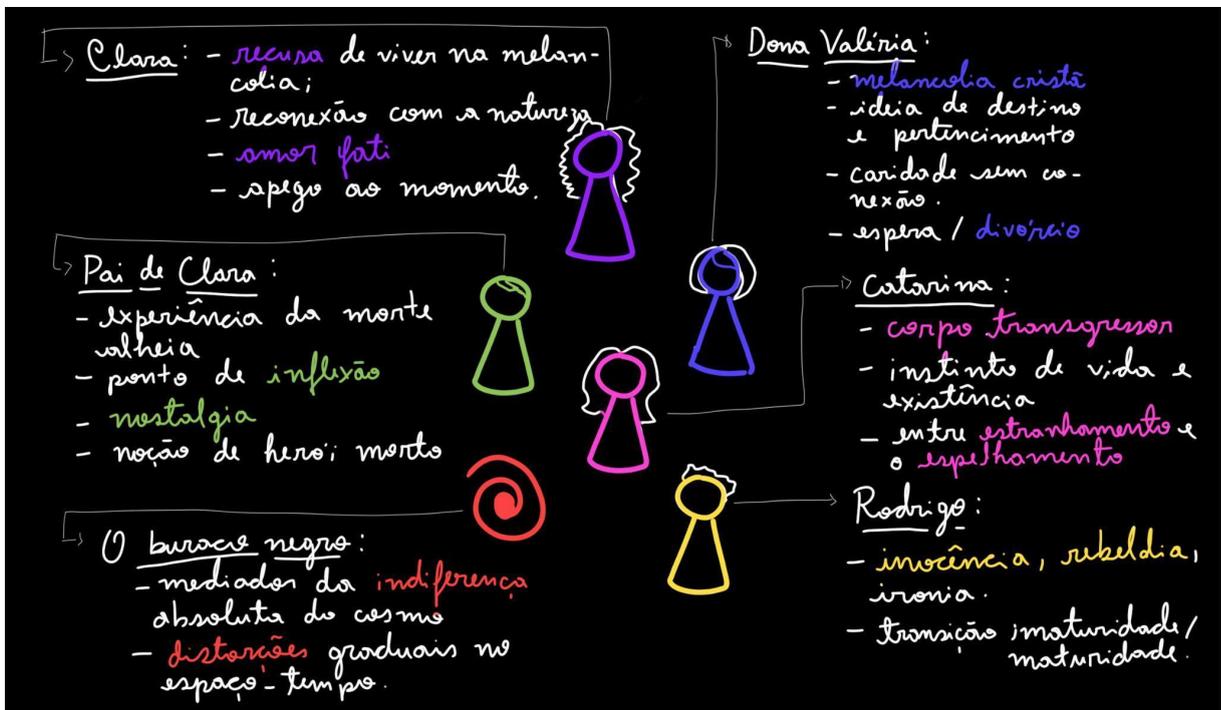


Estudo de personagens em *Cléo de 5 às 7*:



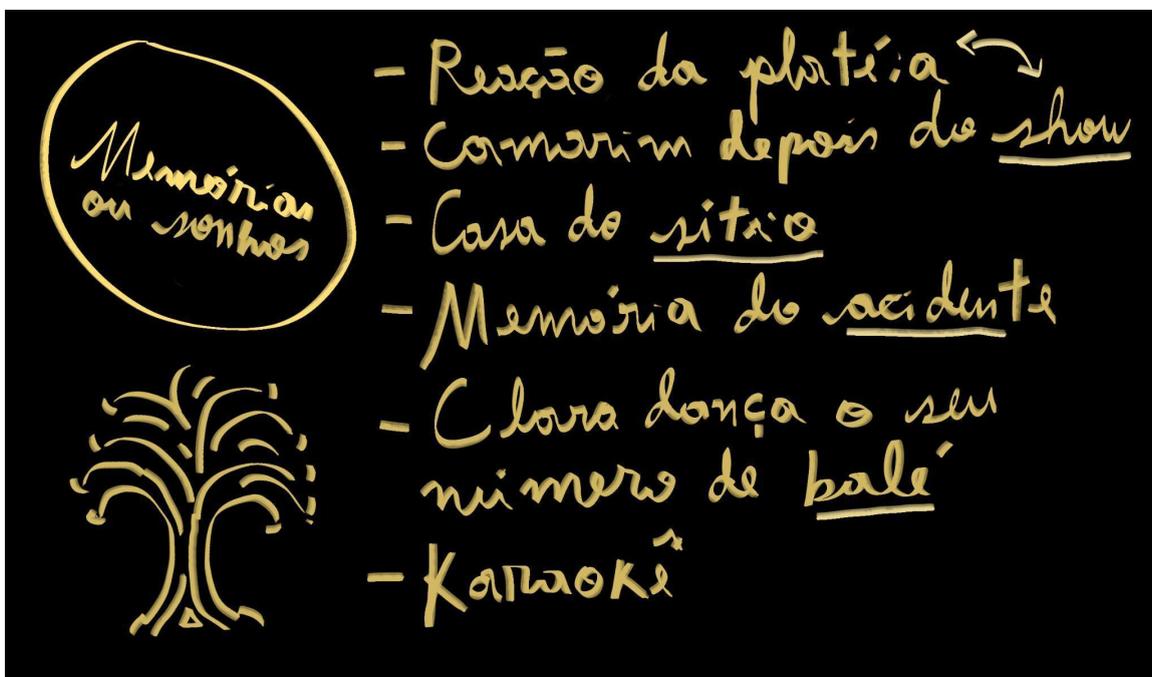
Adotei um esquema de mapa mental semelhante ao anterior para formar o esquema de personagens em *Desórbita*. Esse mesmo esquema foi repensado durante a escrita do roteiro.

Esquema de personagens em *Desórbita*:



Adiante, durante a montagem da escaleta, formei um novo método de mapas mentais que me auxiliou, por meio de um esquema de cores, na visualização de relações entre cenas dadas em um mesmo espaço (físico ou psicológico), gerando pensamento sobre as sequências dessas cenas dentro da escaleta.

Estudo sobre as ações em um mesmo espaço, nas cenas de *Desórbita*:



1- Saindo de carro do hospital.

2- Pedinte no ônibus.

3- Subindo as escadas do Apt.

4- Bicicleta pelas ruas.

5- Olhando pela janela do ônibus.

6- Bar perto da casa Val.

Lugares de passagem

7- Ônibus + notícia.

8- Andando a pé + distorção.

9- Indo de bicicleta para a festa.



~ ~

- Janela + pára-brisas

- Cozinha e conversa sobre o interior.

- Cozinha + evitar acidentes

- Quarto: telefonema + figurines

- Estacionamento: plano de sobreviv.

- Banheiros + ambulância

- Sala: baterias

- Quarto: gravidade muda

Nova Casa + Catarina

- Apt: sem luz e calor

- Banheiros sem luz + make.



- Clara e Valéria (fofoca e ansiedade. Tv, celular.

- Clara vai sozinha, toma remédio.

A sala
de Espera
Clínica.

- Clara vê os resultados do exame no lado de fora



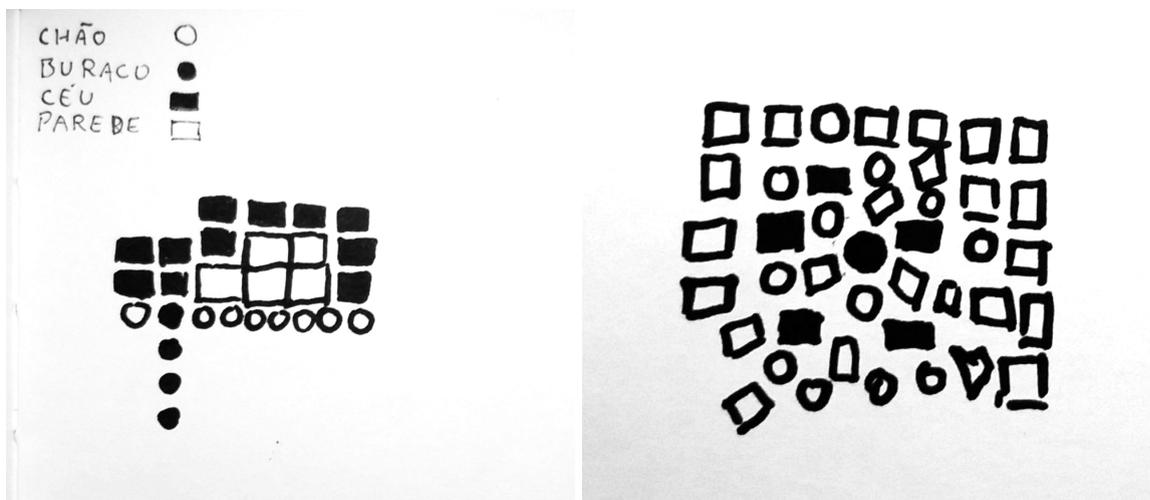
- Sala de estar - Clara chega do hospital
 - Cozinha, evitando acidentes
 - Corredor, evitando as visitas.
 - Quarto, Valéria limpa medalhas do falecido.
 - Escritório: empacotando p/mãe.
- Casa de Dona Valéria e filho do pai
- dança.
 - Sala: ajustes no figurino.
 - Escritório: pega as coisas do pai.
 - Teto: pegar a placa de energia.
- 

- Jardim do condomínio, Rodrigo brinca enquanto Clara conversa com a mãe dele.
 - Sala do apartamento, Clara ensina Rodrigo sobre Luz e Fonças.
 - Sala: Clara ensina sobre gravidade, Rodrigo mais calmo sobre a prova.
 - Sala: Clara corrige a prova de Rodrigo, ele melhorou, mas o pai ignora.
- Casa de Rodrigo
- 

APÊNDICE IV - NOTAÇÃO

Exercício apresentado na disciplina de Notação e Processos Criativos, do curso de Cinema e Audiovisual, ministrada pelas professoras Cristiana Parente e Shirley Martins. Por meio dessa notação, pensei nas relações entre caos e ordem, construção e destruição, também ao realocar o sentido da palavra “buraco” na segunda figura, onde esse buraco toma gravidade e distorce os outros elementos ao seu redor.

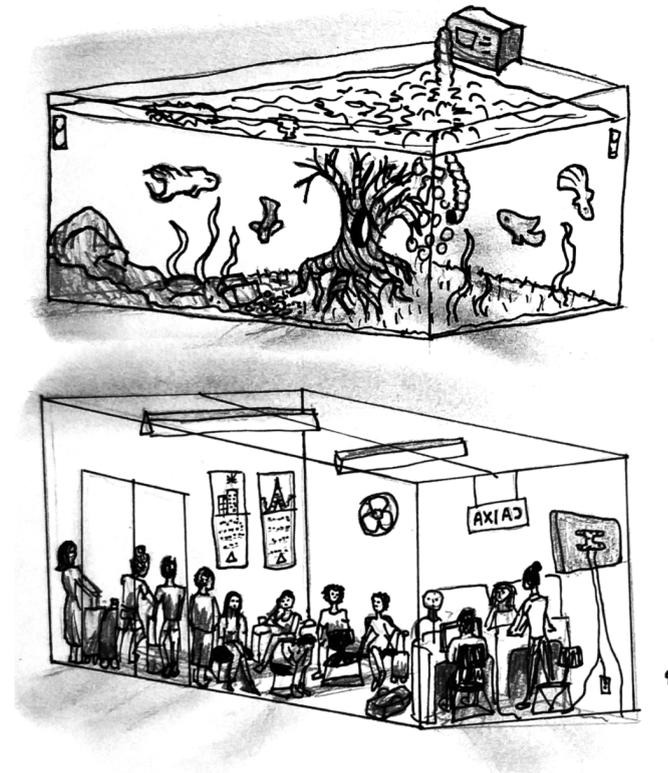
A casa e a singularidade (exercício de notação):



APÊNDICE V - DESENHOS

Desenhar me ocorria espontaneamente, antes, durante e depois da escrita do roteiro, e esse ato me fazia produzir com antecedência algumas das imagens que vinham, conforme eu imaginava o filme. Desenhar marcou, portanto, o processo da minha própria contemplação e criação.

Aquário:



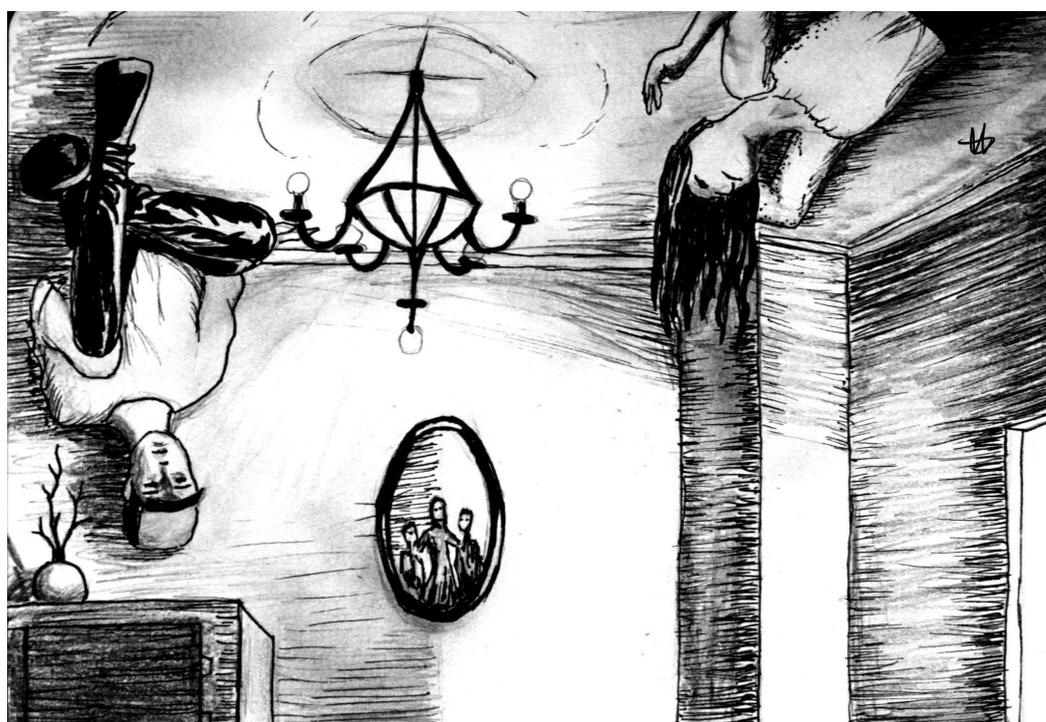
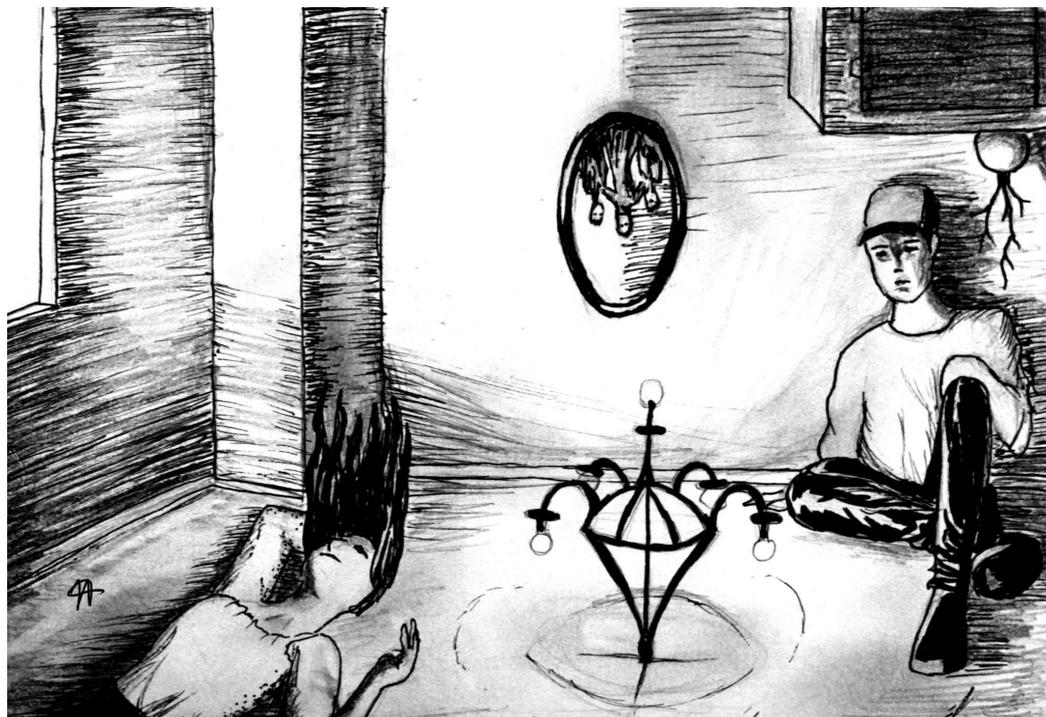
Aqui faço a aproximação livre entre duas figuras trazidas no roteiro, por meio das palavras: o aquário (cena 15) e o guichê (cena 35).

Clara repousa na penumbra:



Esse desenho me ocorreu enquanto eu imaginava o estado corpóreo da personagem principal, durante a escrita da cena 5: o baú onde ela está sentada, sua perna dolorida em evidência pela luz enquanto o resto de seu corpo está na sombra.

Ponta-cabeça:



Um desenho que pode ser visto nos dois sentidos que propõe. Ao fazê-lo, imaginei uma atmosfera de juventude que choca com os espaços tradicionais montados por uma geração passada; pensei que, nesse choque entre gerações, um está sempre “de ponta-cabeça” em relação ao outro.